CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE:

DE CARLITO A CARLOS

Dadá Lage Lacerda
Ricardo Shitsuka
Dorlivete Moreira Shitsuka

Carlos Drummond de Andrade: de Carlito a Carlos

1ª Edição

Belo Horizonte
Poisson
2019

Dadá Lage Lacerda

- Historiadora.
- Diretora e professora na rede pública estadual em Itabira/MG.
- Diretora do Museu de Itabira 1998 a 2000.
- Presidente do COMPHAI por dois mandatos
- Presidente da ONG Século XXI por 3 mandatos.
- Pesquisadora do acervo público itabirano.
- Estudiosa da Obra de Carlos Drummond de Andrade
- Autora da pesquisa histórica do Museu de Território "Caminhos Drummondianos".

Ricardo Shitsuka

- Professor no Programa de Pós-Graduação "Stricto sensu" em Educação em Ciências (PPGEC) da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI).
- Professor Adjunto IV no campus Itabira da UNIFEI.
- Líder do Grupo de Pesquisas MEAC.
- Editor da revista Research, Society and Development.
- Avaliador "Ad hoc" de cursos e instituições para o MEC/INEP/DAES.
- Atuou como coordenador de cursos superiores de tecnologia e professor no Município de São Paulo.
- Tutor de Educação a Distância (EAD) por mais de 5 anos.
- Doutor em Ensino de Ciência e Matemática da Univ. Cruzeiro do Sul.

- Mestre em Engenharia pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (EPUSP).

- Pós-Graduado Especialista (PGE) “Lato sensu” no Master em Tecnologias Educacionais pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP).

- PGE em Tecnologia, Formação de Professores e Sociedade pela UNIFEI

- PGE em Design Instrucional para EAD e em Tecnologias, Formação de Professores e Sociedade pela UNIFEI.

- PGE em Informática Educacional pela UFL.

- PGE em Redes de Computadores pela UFLA.

- PGE em Administração de Sistemas de Informação pela UFLA.

- PGE em Educação Infantil e Anos Iniciais na FAVENI.

- PGE em Administração Escolar e Inspeção Escolar na FAVENI.

- PGE em e-Business pela Faculdade Senac.

- PGE em Engenharia Industrial e Siderurgia pela AOTS – Japan.

- Engenheiro pela Escola Politécnica da Univ. de São Paulo (EPUSP);

- Cirurgião Dentista pela Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo (FOUSP);

- Graduado em Computação pelo Centro Univ. Claretiano - CEUCAR e,

- Graduado em Pedagogia pelo CEUCLAR.

- Técnico eletrônico pelo Instituto Monitor.

Dorlivete Moreira Shitsuka

- Vice-líder no Grupo de Pesquisas MEAC.

- Professora universitária em cursos superiores de bacharelado e tecnologia nas áreas de Exatas, Informática, Tecnologia, Ciências Humanas e Ciências Sociais.

- Trabalhou na FMVZ da Universidade de São Paulo.

- Tutora de EAD por mais de 8 anos.

- Mestre em Ensino de Ciências pela Universidade Cruzeiro do Sul.

- Pós-Graduada (PG) especialista em Informática Educacional pela Universidade Federal de Lavras (UFLA).

- PG especialista em Redes de Computadores pela UFLA.

- PG especialista em Administração de Sistemas de Informação-UFLA.

- PG em Educação Infantil e Anos Iniciais na FAVENI.

- PG em Administração Escolar e Inspeção Escolar - FAVENI.

- Graduada em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

- Graduada em Licenciatura em Computação pelo CEUCLAR.

- Graduada em Licenciatura em Pedagogia pelo CEULCLAR

- Certificada FCP em Redes de Cabeamento Estruturado - Furukawa.

- Participa em projetos sociais da UNIFEI em Itabira tendo realizado palestras e ações sociais.

Índice

Introdução

Itabira, uma Cidade do interior de Minas Gerais, distante cerca de 110 Km da Capital Belo Horizonte, teve início ao seu povoamento com a descoberta do ouro, no início do século XVIII. Adotou-se o ano de 1720 como o ano de sua fundação, quando os dois irmãos bandeirantes paulistas, em busca de ouro, avistaram ao longe um pico que brilhava, maravilhados, seguiram em direção a ele, e o chamaram de "pico Itabira", que, na língua tupi, significa pedra (ita) que brilha (byra), e, nos rios próximos ao pico, eles encontraram o ouro. Também se encontram referências do povoado em 1705, que segundo Cônego Raimundo Trindade, se deu "quando Padre Manoel do Rosário e João Teixeira Ramos ali descobriram ouro de aluvião e construíram uma pequena Capela.

A chegada dos bandeirantes foi um marco para o povoamento da região, uma vez que com eles vieram suas famílias e escravos, pois na época existia a escravidão dos negros, a qual foi extinta em 1888, com a Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel. Nesta fase inicial o povoado foi se desenvolvendo lentamente devido à pequena quantidade de ouro encontrado em seus rios.

A cidade foi crescendo, os exploradores ficaram ricos com a extração do ouro, grandes casarões foram construídos, mostrando a riqueza da Cidade. O tempo foi passando, A exploração do ouro se deu até meados do século XIX. O ouro

acabou, mas a terra possuía outra riqueza que é o minério de ferro e esta permaneceria por muito mais tempo, chegando aos dias atuais. As ruas da Cidade foram construídas com as pedras do minério de ferro e isso conferia um ar diferente à cidade em relação a outros municípios brasileiros e de outros países.

No século XX começam os investimentos estrangeiros com a finalidade de explorar o minério de ferro. Em 1911 os ingleses compram as minas de Itabira e fundam a Itabira Iron Company. O Presidente do Brasil, na época, o Marechal "Hermes da Fonseca", autorizou a empresa inglesa Iron Company, a explorar e exportar o minério de ferro, existente na Cidade de Itabira, que possuía a maior jazida de minério de ferro do Brasil. Os ingleses da "Iron Company" transportavam o minério de trem até o Porto de Tubarão, que ficava na Cidade de Vitória, no Estado do Espírito Santo, que é vizinho do Estado de Minas Gerais e de lá, do porto, seguia, por meio de navios transportadores, para outros países. E eles continuaram explorando o minério de ferro até o ano de 1926.

Em 1942, o Presidente da República "Getúlio Vargas", comprou de volta as minas de ferro dos ingleses e criou a Cia. Vale do Rio Doce para fazer a exploração do minério de ferro de Itabira. Em anos mais recentes, esta importante empresa nacional simplificou o nome para "Vale" que é a denominação atual. Outra economia importante na Cidade, desde a sua fundação foi a agropecuária. De relevo montanhoso, grandes fazendas foram formadas.

O crescimento urbano dava-se nos locais mais próximos às áreas de mineração e nas estradas de acesso. Nos encontros das ruas formavam-se espaços irregulares e mal alinhados, devido a topografia da Cidade ser acidentada. Os grandes sobrados, as igrejas, os chafarizes... fazem parte da paisagem

urbana, rodeada pelas montanhas, e muitas delas tem minério de ferro, como o Pico do Cauê, por isso era chamada de "Cidade do Ferro".

Neste panorama, em 31 de outubro de 1902, nesta Cidade do interior de Minas Gerais, nasce um menino que recebeu o nome de Carlos Drummond de Andrade. Seus pais Carlos de Paula Andrade (Coronel Carlos de Paula Andrade) e Julieta Augusta Drummond de Andrade, eram ricos e donos de várias fazendas. Drummond, o nono filho dos quatorze que o casal teve. O Coronel Carlos de Paula Andrade, pai do poeta, era homem respeitado e possuía além das fazendas, um casarão na cidade, com vários empregados, era chamado de "coronel" pois era um termo utilizado na época para os fazendeiros ricos.

No início dos anos de 1900, a Cidade vivia da exploração do minério de ferro e da agropecuária. Muitas pessoas vinham de fora trabalhar na empresa inglesa que na época, explorava o minério de ferro. Para se chegar em Itabira era preciso pegar um trem até a Cidade de Santa Bárbara, que é vizinha e fica cerca de 87 Km distante e, de lá vir a pé ou num lombo de um cavalo.

Muitas ruas da Cidade eram cobertas com o minério de ferro. Não havia carros naquela época e as pessoas andavam a cavalo pela Cidade. Era uma época de poucos médicos, em casos mais graves, as pessoas que tinham mais posses iam à Belo Horizonte se tratar ou mandavam buscar o médico, as parteiras ajudavam as mulheres a terem seus filhos em suas casas. É nesse ambiente que Carlito passa a sua infância, cercado de irmãos, amigos, vizinhos.... onde vai guardando na memória as histórias do menino Carlito.... até se tornar Carlos Drummond de Andrade, o poeta.

As poesias deste livro, foram escritas por Carlos

Drummond de Andrade a partir de lembranças, da época de sua infância que passou em Itabira, época em que era simplesmente Carlito. Apresenta-se a seguir, a infância do poeta contada por meio de seus poemas.

1 Meus Irmãos

Carlito, como era conhecido Drummond na sua infância, era um menino muito curioso, gostava muito de ler e anotava tudo que lhe acontecia. Observa-se que o letramento e a leitura são básicos para a formação das pessoas.

Naquela época as condições de higiene e o atendimento médico nas regiões distantes dos grandes centros era mais precária. A mortalidade infantil era grande. O menino Carlito é um dos sobreviventes: perdeu oito irmãos restando apenas seis. Drummond que tinha o hábito de registrar tudo que lhe acontecia em cadernetas, anotava quanto tempo cada irmão viveu e, por conseguinte, escreve o poema seguinte:

Os Chamados

Elias vive 8 dias.
Sua biografia está em duas linhas paroquiais
e já surge Lincoln
chamado a viver 3 meses e 23 dias.
Antônio resiste
1 ano, 5 meses, 3 dias.
João de Deus: 2 anos, 9 dias.
Vem Sílvio: 4 meses e 3 dias.

E vem Olavo: 1 ano e 17.
Geraldo vive uma eternidade: 3 anos, 5 dias.
Flávia não vai além de 27.
É tempo de parar
e chorar.
Os outros seis, que deus os vai poupando,
acenando que esperem - para que?

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001. v.2, p. 952.

O senso comum brasileiro, povo na qual a grande maioria, professa a religião Cristã e a Igreja predominante é a Católica, considera que uma pessoa quando parte desta vida, ou seja, quando morre, é devido a um “chamado” divino, donde surge o tema do poema. O poema também indiretamente mostra a presença da religiosidade na sociedade local que também pode se observar nos registros “... paroquiais” presentes na segunda linha. Neste poema, Drummond apresenta o tempo de vida de vários de seus irmãos que partiram ainda na infância.

Em contraposição, seus outros seis irmãos, os sobreviventes, eram: Flaviano, o Fazendeiro, Dr. Altivo, o advogado, José formado em ciências, Drummond o poeta, Rosa, a normalista e artista e Maria das Dores, a Mariinha, que foi secretária de Drummond no Rio de Janeiro.

Geraldo, era um ano mais novo que Carlito: era seu companheiro de brincadeiras. Um dia Carlito e Geraldo brincavam no quarto e de repente Geraldo começa a ter uma febre que rapidamente foi subindo. Dona Julieta chama o Coronel Carlos de Paula e comunica que Geraldo está com

febre e que a mesma não quer ceder. O Coronel imediatamente chama um empregado e o manda a Belo Horizonte buscar um médico.

O empregado preparou dois cavalos, foi montado em um e puxando o outro que seria para trazer o médico de Santa Bárbara até Itabira. Em Santa Bárbara deixou os animais e seguiu de trem até Belo Horizonte. O empregado voltou trazendo o médico e ao chegar à casa do Coronel o médico receitou um remédio que teria que ser preparado. Em Itabira não havia quem preparasse o remédio. O médico então retorna a Belo Horizonte e manda preparar o remédio e o envia pelo correio.

Quando o remédio chegou, no lombo do burro, o Geraldo já estava morto. Estes fatos vivenciados pelo poeta, fazem parte de seus poemas e ganham dimensão no texto seguinte:

O Preparado

Por que morreu aquele irmão
que há pouco brincava no quarto
sem qualquer signo na testa?
Há pouco brincava no quarto.
Foi só tempo de arder em febre
e de o doutor lhe receitar
um preparado que não havia.

O preparado que não havia.

A longa espera da encomenda
pelo correio, e quando veio
em lombo de burro, no chouto,
a morte beijara o menino.

Sá Maria diz que é o destino.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo & a falta que ama. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968. p. 72.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 956.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 183.

As lembranças da época são muito fortes na mente do poeta. De sua irmã caçula, que era o xodó da família ele escreve uns versinhos, e, em uma entrevista publicada na "Revista Caros Amigos" Drummond diz:

"São uns versinhos que fiz para um livro de memórias infantis em que eu me referia a pessoas da minha família e pessoas das relações, de pessoas que constituíam o mundo de Itabira, pequeno mundo de Itabira". E este é referente à minha irmã, Maria das Dores, a minha irmã caçula, que era o ai-jesus da família. Meus pais tinham por ela um encantamento especial. Era uma garota muito bonita, como foi também uma moça muito bonita, já morreu. O poeminha é o seguinte:

Cantiguinha

Era um brinquedo maria
era uma estória maria
era uma nuvem maria
era uma graça maria
era um bocado maria
era um mar de amor maria
era uma vez era um dia maria

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 516.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo I. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 121.

"Cantiguinha", é um texto lido como sendo universal, mas trata-se de uma homenagem à irmã de Drummond.

2 Amor e respeito aos pais

A família é a base da sociedade. Em um estudo realizado por Barboza et al. (2009) com famílias em uma cidade do interior paulista, ela é vista como o núcleo social na qual os valores morais, os princípios éticos, a cultura, a educação e outros conceitos são transmitidos e consolidados ao longo de gerações. Nesse núcleo, os pais são os grandes organizadores e responsáveis pela educação no período da infância e juventude.

Atualmente, segundo Brasil (1996) na Constituição Federal no seu Artigo 205 "educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho".

A participação da família, na criação e educação dos filhos, representada principalmente por meio dos pais, é a base inicial da educação. Dentro da família, nas sociedades tradicionais, mais frequentemente, é a mãe é quem cuida da infância das crianças.

Barboza et al (2009) complementam afirmando que o papel da mulher no desenvolvimento da nossa sociedade é inegável e ocorre por meio de instrumentos que possibilitaram melhorias da saúde no que se refere ao âmbito emocional. Estes aspectos são importantes para que ocorra a

educação na fase inicial de vida dos pequeninos.

Carlito demonstra de muitas maneiras o amor pela mãe. E em lembrança de criança ele mostra por meio do doce de leite feito pela mãe, um dos favoritos dele. No poema “Suas Mãos” o poeta descreve a fabricação desse doce, muito conhecido nos lares brasileiros, que é feito por meio da mistura manual dos ingredientes.

Suas Mãos

Aquele doce que ela faz
quem mais saberia fazê-lo?
Tentam. Insistem, caprichando.
Mandam vir o leite mais nobre.
Ovos de qualidade são os mesmos,
manteiga, a mesma,
iguais açúcar e canela.
E tudo igual. As mãos (as mães?)
são diferentes.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 511.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo I. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 115.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017, p. 157.

As sociedades de uma época apresentam costumes e tradições que fazem parte da vida do período. Na época, do início dos anos de 1900, era hábito de respeito social, as crianças além de pedirem a bênção, tinham que beijar a mão

dos pais. Este costume é retratado por meio do poema "O Beijo" apresentado nas linhas seguintes.

O Beijo

Mandamento: beijar a mão do Pai
às 7 da manhã, antes do café
e pedir a bênção
e tornar a pedir
na hora de dormir.

Mandamento: beijar
a mão divino-humana
que empunha a rédea universal
e determina o futuro.
Se não beijar, o dia
não há de ser o dia prometido,
a festa multimaginada,
mas a queda – tibum - no precipício
de jacarés e crimes
que espreita, goela escancarada.

Olha o caso de Nô.
Cresce demais, vira estudante
de altas letras, no Rio de outras normas.
Volta, não beija o Pai
na mão. A mão procura
a boca, dá-lhe um tapa,
maneira dura de beijar
o filho que não beija a mão sequiosa
de carinho, gravado
nas tábuas da lei mineira de família.

Que é isso? Nô sangra na alma,
a boca dói que dói
é lá dentro, na alma. O dia, a noite,
a fuga para onde? Foge Nô
no breu do não-saber, sem rumo, foge
de si mesmo, consigo,
e não tem saída
a não ser voltar,
voltar sem chamado,
para junto da mão
que espera seu beijo
na mais pura exigência
de terroramor.
Olha o caso de Nô.
7 da manhã.
Antes do café.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 509-510.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017, p. 153-154.

Verifica-se por meio do poema, esse aspecto do costume que também é associado à Igreja Católica e que com o passar do tempo vai se perdendo nas gerações posteriores, principalmente nas atuais que devido aos meios de comunicação, possuem uma visão maior do que está acontecendo no "Mundo" e vão perdendo as tradições antigas, mas que muitas vezes são preservadas por meio de poemas que mostram como era este aspecto histórico.

Nas linhas seguintes, no capitulo que se segue, além dos pais, Drummond também homenageia seus tios e primos.

3 Os tios e primos

Uma das coisas que Carlito não gostava, era quando seus tios e primos vinham de Joanésia visitá-los, pois tinha que ceder a cama e o pedaço do frango que ele tanto gostava. Segundo o relato de pessoas mais antigas da região, quando seus tios e primos chegavam na casa, Carlito falava:

"- Já vêm os tios e os primos de Joanésia. Que batalhão invasor!"

Sá Maria serve o almoço e fala para o Carlito:

"- Almoço está na mesa".

Carlito responde:

"- Não quero! aquele peito de galinha que é meu por lei, eles o comem primeiro".

Sá Maria sem se importar com seu resmungo, pergunta:

"-Mas você viu que prima bonita?"

Carlito responde:

"- Nem me importa, se rouba a minha cama e me deixa humilhado no chão, é inimiga".

Sá Maria fala:

"- Esquece isto Carlito é só uma semana".

Carlito fala:

"- Uma semana inteira eles passeiam os pés na minha paz. Odeio esses monstros da família".

Quando os tios e primos estão de partida, Sá Maria chama Carlito e fala:

"- Os cavalos estão arreados, as canastras e os alforjes já estão nos animais, vem despedir de seus tios e primos".

Carlito pergunta a Sá Maria sobre a prima:

"- E a prima bonita Sá Maria? agora estou pensando, vou despedir-me e depois deitar em meus lençóis".

A seguir, apresenta-se o poema sobre "Os Tios e os Primos" que retrata essa situação:

Os Tios e os Primos

Tios chegam de Joanésia,
trazem primos crescidos e de colo,
três cargueiros pesados de canastras
e alforjes.
Apeiam, tropel-raio, em nossa casa,
batalhão invasor.

Pisam duro, de botas,
batem portas-trovão a toda hora,
soltam gargalhadas colossais
e comem comem comem aquele peito
de galinha que é meu de antiga lei.

Uma prima bonita? Que me importa.
Se rouba minha cama, é inimiga,
e humilhado vou dormir no chão.
Arrebatado meu lugar na mesa,
profanadas gavetas-santuário
de figurinhas, selos e segredos,
escorraçado no meu reino,
odeio os monstros da família.
Uma semana inteira eles passeiam

os pés em minha paz. Serão eternos?
Contrai-se a casa enorme: vira ovo
de gema irada e clara de ciúme.

Eis que um dia
Arreiam-se cavalos. As canastras
descem as escadas com ribombo.
Os tios volumosos,
os primos estrondeantes se despedem
num triturar de abraços, prometendo
voltar ano que vem. Ah, uma bomba
espanhola, que eu sei pelo jornal,
um breve terremoto
afunde cavaleiros e cavalos
na descida da serra...
Meu Deus peço o absurdo?
Mas poupe aquela prima
bonita (eu sinto agora)
que deixou no lençol a dobra do seu corpo.

Regresso à minha cama, perturbado.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 521-522.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017, p. 175-176.)

Verifica-se por meio do poema que havia mais parentes do poeta no interior mineiro e nesta oportunidade os parentes eram da Cidade de Joanésia. Esta Cidade fica mais de 160 Km distante de Itabira e na época considerada a viagem em lombo de burro demorava quase um dia inteiro. Quando os parentes chegavam, eles ficavam nos quartos de Drummond e seus irmãos e, eram bem tratados. Como o poeta tinha que dormir no chão, na visão de criança, isso o deixava chateado.

Na visão de criança, o mundo que conhecia estava ali à sua volta e os seus pertences eram importantes uma vez que era o que possuía, pois lhe fora dado pelo pai. As visitas, muitas vezes ficam com as melhores partes uma vez que o dono da casa, o coronel, pai de Drummond, queria que eles levassem uma boa impressão. O poema retrata um pouco dessa realidade comum na época e nas cidades interioranas.

4 Depois de um dia de brincadeiras

As brincadeiras fazem parte da educação infantil que se estende de zero a cinco anos. Para Cruz, Oliveira e Fantacini (2017) há uma indissociabilidade entre o brincar, o cuidar e o educar na educação infantil. Quando se trabalha com os pequeninos é preciso considerar a importância do cuidar associado ao brincar como consideram as autoras. Atualmente, para Brasil (2006) a idade da educação infantil vai do nascimento até cinco anos de idade.

Carlito gostava muito de brincar na rua com seus amigos no final da tarde e não via a hora passar até sua mãe chamar. Um diálogo levantado junto aos mais antigos se segue:

Dona Julieta chamava Carlito:

"- Carlos já é tarde".

Carlito respondia:

"- Tarde? Mas são só 5 horas". Dona Julieta falava: "5 horas é tarde, pode vir".

Carlito retrucava:

"- Todo dia de tarde já é tarde".

Dona Julieta ralhava:

"- Entra agora e vá para seu quarto e fique de joelhos diante da sua cama".

Apresenta-se a seguir o poema Brincar na Rua:

Brincar na Rua

Tarde?
O dia dura menos que um dia.
O corpo ainda não parou de brincar
e já estão chamando da janela:
É tarde.

Ouço sempre este som: é tarde, tarde.
A noite chega de manhã?
Só existe a noite o seu sereno?

O mundo não é mais, depois das cinco?
É tarde.
A sombra me proíbe.
Amanhã, mesma coisa.
Sempre tarde antes de ser tarde.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. A senha do mundo. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 27)
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 499.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017, p. 133.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo I. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 96.

Verifica-se que a época da infância de Drummond era para o poeta um tempo bom, em que as crianças brincavam na rua quando, a única preocupação delas era somente o horário de dormir.

Naquela época não havia televisões, celulares, jogos eletrônicos, vídeos de internet e redes sociais. As crianças brincavam umas com as outras e com brinquedos simples feitos de madeira, pano e materiais mais comuns. Havia a interação entre as crianças e, entre elas e os brinquedos. Esse tipo de interação e importante para o desenvolvimento social.

Para Queiroz, Maciel e Branco (2006) apesar da importância da brincadeira no desenvolvimento humano, não se torna interessante estabelecer um conceito universal e fechado sobre a atividade do brincar, mas sim é interessante se ampliar as pesquisas e encontrar mais situações e descobertas interessantes sobre o tema.

Por meio das brincadeiras as crianças também desenvolvem suas habilidades motoras, principalmente a coordenação motora fina que será importante para o desenvolvimento da habilidade da escrita.

As brincadeiras são importantes na educação infantil e pode-se verificar esta situação na forma como os levantamentos por meio da pesquisa oral revelava. Segundo esta memória levantada nas pessoas mais antigas que conviveram com o poeta maior: “quando chegava a hora de dormir e as mães chamavam para dormir. Só mais um pouquinho mãe diziam as crianças, até que as mães exigiam que viessem deitar”.

5 A higiene

Carlito sentia certa revolta da maneira como eram tratadas as empregadas da época: não existia banheiro em casa, somente latrinas no quintal. A latrina era um quartinho onde existia ao centro um caixote recortado e de um lado um caixote com pedaços de panos (retalhos de tecidos) e do outro lado caixote com pedaços de jornal usado. Os panos eram usados na higienização das crianças menores. Tais panos, após o uso, eram lavados, passados e recolocados no caixote para serem reutilizados. Já para os maiores usava-se o jornal já lido, para a higienização na latrina.

As roupas e panos eram "passados" com o uso do "ferro de passar roupa": esse não era elétrico como os atuais, eles funcionavam com o uso do carvão em brasa que era colocado no interior desses instrumentos ou panelas e aquecidos eles eram usados para deixar as roupas lisas sem rugosidades.

Drummond escreve no poema "Higiene Corporal", sobre essa época e a limpeza na forma como era praticada.

Higiene Corporal

Junto à latrina, o caixote
de panos de limpar cu
de menino.
Sá Maria é quem limpa o cu
e lava o pano.

Cresce o menino.
Assume a responsabilidade
de limpar seu próprio cu
com pedaços de jornal.
Sá Maria é chamada a outros deveres.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 493.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017, p. 117.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo I. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 86.

Observa-se que na época ainda não existia chuveiro nas casas. Para o banho, havia um quarto pequeno na casa, onde era colocada uma bacia grande de cobre que era areada com sal e limão até ficar brilhando. A água era aquecida em um recipiente bojudo de metal denominado “Chaleira” e, que era próprio para ferver água. Este recipiente possuía tampa e um bico por onde a água era despejada para fora. A água quente da chaleira é colocada na bacia e ia se misturando com água da bica até obter a temperatura adequada a um bom banho.

Carlito, quando ia tomar banho a bacia era colocada no meio do quarto e ele a chamava de bacia móvel. Ele se sentava na posição de Lótus ou como é popularmente conhecida como posição de Buda (que é a posição na qual a pessoa permanece sentada com as pernas cruzadas) e ocupava toda bacia. Antes de entrar na bacia ele sempre colocava um pé para ver a temperatura da água e gritava:

“- a água tá pelando... “

Ouve uma voz:

"- Grite a vontade. Se não tomar banho não vai passear".

Ele responde:

"- Quem toma banho em calda de Inferno?".

Outra voz feminina:

"- Mentira dele, a água tá morninha, só meia chaleira, o resto é água da bica".

Ele: arrisco um pé, depois outro pé e entra na bacia e senta em posição de Buda e ensaboa:

"- Ah tenho que resignar: o mundo é estreito. Uma prisão de água me envolve e não mais sair. Quero ficar preso neste banho e não quero mais enfrentar a vida. Quero ser livre".

O poema "Banho de Bacia" apresenta a condição do banho e higiene corporal como era vista por Drummond.

Banho de Bacia

No meio do quarto a piscina móvel
tem o tamanho do corpo sentado.
Água tá pelando! Mas quem ouve o grito
deste menino condenado ao banho?
Grite à vontade.

Se não toma banho não vai passear.
E quem toma banho em calda de inferno?
Mentira dele, água tá morninha,
só meia chaleira, o resto é da bica.

Arrisco um pé, outro pé depois.
Vapor vaporeja no quarto fechado
ou no meu protesto.
A água se abre à faca do corpo
e pula, se entorna em ondas domésticas.

Em posição de Buda me ensabôo,
resignado me contemplo.
O mundo é estreito. Uma prisão de água.
envolve o ser, uma prisão redonda.
Então me faço prisioneiro livre.

Livre de estar preso. Que ninguém me solte
deste circulo de água, na distância
de tudo mais. O quarto. O banho. O só.
O morno. O ensaboado. O toda-vida.

Podem reclamar,
Podem arrombar
a porta. Não me entrego
ao dia e seu dever.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:

ANDRADE, Carlos Drummond de. A senha do mundo. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 18-19.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 937.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 142-143.

Nos tempos atuais de banheiras de hidromassagem e chuveiros elétricos fica até difícil as pessoas imaginarem como era o banho no começo do século XX: não havia rede elétrica, e nem gás encanado ou distribuição de gás nas regiões interioranas. As pessoas esquentavam os alimentos e a água por meio de fogões a lenha. Estes eram fogões de ferro ou barro, nos quais o combustível eram pedaços ou tocos de madeira e como o controle da temperatura da água era mais difícil, havia um verdadeiro ritual de preparação antes e, depois durante e após o banho na secagem.

Depois do banho, o menino limpo já podia ir para a cama. O poema drummondiano retrata tal momento de sua vida na época de sua infância.

6 Hora de dormir

Era costume dos antigos, principalmente de cidade de interior e por respeito aos pais e avós, que crianças tomassem a benção aos pais e avós antes de dormirem.

Carlito, como qualquer criança da época, tinha muito respeito aos pais, sempre ao dormir pedia a benção a eles, e, como pré-adolescente, mostra também suas inseguranças e ingenuidade da criança de Itabira.

Na época os donos de fazendas eram chamados de coronéis. Eles eram homens em posição de poder, rigorosos e respeitados por todos, e o menino Carlito sentia a sisudez e rigidez do pai. Carlito lembra dessa época, em seus poemas, de quando pedia a benção na hora que ia dormir... E pela memória oral que vem passando pelas gerações, sabe-se que sempre na hora de dormir, deitado na cama Carlito gritava:

"- Abença papai! abença mamãe!".

Sua mãe responde:

"- Deus te abençoe", e em seguida fala "Não vá esquecer de arear os dentes e lavar os pés antes de deitar".

Carlito responde a mãe:

"- Sim senhora".

E a sua mãe ainda fala:

"- E não vá dormir sem rezar um padre nosso, três ave-marias, uma salve rainha".

Carlito fala:

"- Rezo".

A mãe fala:

"- Não vá se esquecer de apagar a luz antes de dormir. Fogo pegou no quarto de Juquinha de Sá Mira porque ele dormiu de vela acesa".

Carlito responde:

"- Apago".

A mãe lhe fala:

"- Dorme bem, meu filho. Não fique pensando bobagem no escuro. O mais é com Deus".

Carlito responde a sua mãe:

"- Mas fico".

Carlito sem sono continua falando com a mãe..... e, novamente ele fala:

"- Abença papai, abença mamãe".

O pai responde lá do quarto:

"- Já te dei abença. Vai dormir".

Carlito fala:

"- Não tenho sono bastante pra cochilar".

A mãe fala para ele:

"- Espera quietinho que o sono vem".

Carlito diz:

"- Vou contar estrela. Não. Conto passarinho..."

... e ele continua pensando nas coisas que poderia contar, para conseguir dormir...

O poema "Noturno" apresenta esse diálogo que ocorre de modo lógico na época da infância do poeta.

Noturno

Abença papai, abença mamãe.
Deus te abençoe. Não vá se esquecer
de arear os dentes e lavar os pés
antes de deitar.
Sim senhora. E não vá dormir
sem rezar um padre-nosso, três ave-marias,
uma salve-rainha.
Rezo. Não vá se esquecer
de apagar a luz antes de dormir.
Fogo pegou
no quarto de Juquinha de Sá Mira
porque ele dormiu de vela acesa. Apago.
Dorme bem, meu filho. Não fique pensando
bobagens no escuro. O mais é com Deus.
Mas fico.

Abença papai, abença mamãe.
Já te dei abença. Vai dormir. Não tenho
sono bastante para cochilar.
Espera quietinho que o resto vem.
Vou contar estrela. Não. Conto passarinho
que já tive ou tenho ou terei um dia.
Conto, reconto
vistas de cigarros, minha coleção
é fraca. Nomes de países. 27 só.
Ai, essa geografia.
Nomes de meninas. Todas são Lourdes,
Carmos, Rosários, faço confusão.

Abença papai. Vai dormir, já chega.

Estou sem sono. Pois dorme assim mesmo.
Como que posso, se não posso. Então
cale essa boca. Abença mamãe.
Deus te abençoe, obedece seu pai.
Hora de dormir não é de caçoada.
Hora de dormir, todo menino dorme.
Mesmo sem sono? Dorme sem pensar.
Mas estou pensando. Penso mulher nua.

Penso na morte. Se eu morrer agora?
Sem ver mulher nua, só imaginando?
Morro, vou pro inferno. Talvez não. Meu anjo
me puxa de lá, leva ao purgatório.
A cama rangendo. Abença papai.
Você não sossega? Pera ai que eu te ensino.
Mas eu não fiz nada. Só pedi abença.
Deus te abençoe, diabo, senão,
senão tu me paga.

Que noite mais comprida desde que nasci
Viajando parado. O escuro me leva
sem nunca chegar. Sem pedir abença
como vou saber que não vou sozinho?
Que o mundo está vivo? Abença papai
abença mamãe. Mas falta coragem
e peço pra dentro. Dentro não responde.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 570-572.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017, p. 267.)

Observa-se no poema a religiosidade presente tanto na questão da benção pedida como na frase “Deus te abençoe” que aparece várias vezes no poema e, que mostra uma das características da sociedade brasileira que vem de tempos antigos e chega mesmo aos tempos atuais em algumas regiões afastadas dos grandes centros urbanos.

Ainda nos tempos atuais, a sociedade, itabirana e mineira de modo geral, é bastante influenciada pela religiosidade que pode ser confirmada também pela grande quantidade de igrejas na Cidade e também pela continuidade do emprego de frases do tipo “Fica com Deus”, “Se Deus quiser”, “Deus te ouça minha filha” etc., presentes nas expressões diárias dos povos da região.

7 Hábitos da casa

As sociedades muitas vezes distante de outras vão criando seus hábitos particulares. Um hábito diferente de outas cidades, na época em Itabira, era, aos sábados, depois de lavar as tábuas do assoalho da casa com pita, pegava-se uma areia branquinha e fininha como sal, que algumas senhoras vendiam nas portas das casas e peneirava na sala de visitas e nos corredores. Este costume era para que a poeira dos pés daqueles que vinham da rua ficasse na areia, conservando a tábua limpa. Aos domingos pela manhã, varria-se a areia do assoalho e a casa ficava limpinha de novo, pronta para receber as visitas.

Sá Maria sempre lavava o chão com pita e depois comprava areia na porta da casa e a espalhava na sala de visitas e nos corredores. Carlito quando entrava em casa achava ruim os pés na areia e dizia: “Acabou o sossego. Agora é areia nos pés, na camisola, na cama. Deus me livre”. O poema “Nova Moda” apresentado a seguir ilustra a questão do uso da área nos assoalhos das casas itabiranas mais tradicionais da época do início do século XX.

Nova Moda

Areia
espalhada nas tábuas do soalho
é o maior requinte.
Há de ser branca
fininha
lavada peneirada.
O chão nervoso ringe
e todos se extasiam: Que lindeza.
É, mas andar descalço
já não dá aquele prazer de corpo livre
e à noite a cama é areia
a camisola, areia
o corpo, todo areia
e os sonhos, ah os sonhos são areia.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 482.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017, p. 97.

Na casa de Carlito*, na época,* almoçavam-se às 9h e jantavam-se às 16h. O café da tarde era ao meio dia. Verifica-se que o costume é muito parecido com o das regiões rurais onde as pessoas acordam cedo, almoçam cedo, jantam mais cedo e vão dormir também mais cedo em relação ao costume das cidades onde as pessoas costumam acordar mais tarde, almoçar mais tarde e jantar mais tarde ainda, quando voltam do trabalho.

Rosa, sua irmã, que estudava no Colégio (Sacre-Couer de Marie) francês, quando chegava de férias, ela trazia do colégio,

vários hábitos franceses, que aprendia no colégio, para serem implantados junto à família.

E, assim, a rotina da casa era alterada, e Carlito não gostava das mudanças trazidas pela irmã. Essa questão da rotina diária é apresentada no poema "Novo Horário" apresentado a seguir.

Novo Horário

Rosa trouxe costumes elegantes
da Capital.
Já não se almoça às 9 da manhã
e não se janta as 4.
(O resto, o dia imenso, todo meu.)
Esse café do meio-dia quando sai?
Tudo é mais tarde, lento,
e há uma fome! Uma fome!

Rosa trouxe a moda, com requintes
de enfeites e maneiras. Há um silêncio
de colégio francês no mastigar.
Certas comidas surgem transformadas,
muda o gosto,
muda a vida.

Azulou a divina liberdade.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 488.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo I. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 80.

Rosa, irmã de Carlito, tendo morado na Capital, entrou em contato com outras culturas e outro estilo de vida. Considerando a memória oral, na hora do almoço, quando todos estavam sentados a mesa, Carlito olha para Rosa e diz:

" – Estes costumes que Rosa trouxe da Capital, estes hábito de mastigar de Colégio Francês. Agora tá me matando de fome. Já não almoçamos às 9 da manhã e nem jantamos mais as 4 horas".

"- E o café do meio dia, nem sei que hora sai. Tudo é mais tarde. É uma fome. E pior certas comidas são transformadas, mas muda o gosto, muda a vida.

Azulou a divina providência".

Outro costume na casa do Coronel, era que sempre ficava em cima da mesa uma vasilha com um dinheiro para os pobres que aos sábados vinham buscar já sabendo que os esperam.

O menino Carlito escalado para atender os pobres tem a tentação de pegar o dinheiro, mas a consciência bem trabalhada não o deixava.

Rito dos Sábados

Sábado é dia de conciliação.

O pobre bate à porta, é recebido
como o esperado da semana;
mendigo, não.

Vem recolher a moeda,
sua parte devida e reservada.
A parte do pobre é pobre

mas é sagrada.

Não há mendigos na cidade,
mãos estendidas pelas ruas,
famintos ares.
Há pobres fixos de cada rico,
visitas domiciliares.

Escalado para atendê-los,
miro remiro
esses trocados sobre a mesa.
Bem que me serviriam
para comprar sonhos urgentes
de sensual necessidade.
Mas se furto dinheiro ao pobre,
ao castigo imposto a meu corpo
junta-se
confuso castigo dentro.

Chegam os pobres um a um
com solitária nobreza
no tranquilo gesto dos sábados
que toma a forma de um direito
aureolado de altivez.

Um a um lhes vou passando
a minipercentagem da pobreza.

Sou o pobre distribuidor.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída da fonte:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora

Nova Aguilar, 1992, p. 564-565.

No poema, Drummond relembra o ritual que se repetia aos sábados. Nesse ritual os pobres ou as pessoas pobres batiam nas portas das pessoas mais ricas ou fazendeiros para receber alguma ajuda. Estas pessoas mais pobres já sabiam quais eram as casas nas quais iam pedir ajuda uma que havia uma distribuição entre as famílias mais ricas que se prontificam em ajudar os mais necessitados, de modo dividir melhor as pessoas entre os que ajudavam e os que eram ajudados.

O poeta, na sua infância observa as imagens que lhe ficam gravadas na mente e no final chega à conclusão de que ele também era um pobre distribuidor do pouco que podia lhes passar uma vez que não era dono de nada e sim, apenas uma criança naquela época.

As imagens vão sendo gravadas na mente e elas possibilitariam ao poeta escrever sobre tais imagens posteriormente. A importância dessas memórias está na descrição de como eram os costumes e tradições que se estabeleciam localmente naquela época passada e que o tempo apagaria não fossem eternizadas em poemas que retratam um período e a sociedade dessa época.

8 As guloseimas

Padaria era algo que nem pensava em existir, cada um tinha seu forno à lenha para fazer suas quitandas e guardá-las em latas para toda a semana. As quitandas, como era chamado naquela época, eram os bolos, os pães de queijo, as brevidades, as roscas, as broas de fubá...

De vez em quando, apareciam nas ruas, pessoas vendendo deliciosas quitandas em tabuleiros cobertas com alvas toalhas.

Tabuleiro

Passa o tabuleiro de quitanda:
é pão-de-queijo é rosca é brevidade
é broa de fubá é bolo de feijão
é tudo que é gostoso e eu vou comprar
eu vou comer o dia inteiro a vida inteira
o sortimento deste tabuleiro.

Vem chegando perto. Alva toalha
cobre essas coisas todas que apetecem,
renda e bordado sobre a minha gula.
E como cheira a forno quente a branda
variedade de quitanda oculta!
Corro, suspendo o véu. Horror. Que dor.

Que vejo? Nada vejo. Fico
a olhar para o vazio descoberto.
Já sei. Antes de mim, Nhonhô Bilico
arrematou as amplas coleções
e vai comer o dia inteiro, a vida inteira
o sortimento deste tabuleiro.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. A senha do mundo. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 35.)
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 541.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo I. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 156.

Quando Carlito via uma pessoa que vendia as quitandas na rua ele dizia: “Oba já vem o tabuleiro com as quitandas: pão de queijo, roscas, broas de fubá, bolo de feijão. Um! mas como cheiram!”.

Certa vez, chegando perto do tabuleiro na mão da vendedora, que com sua toalha branquinha escondia as delícias debaixo, quando levantou a toalha e, vendo que o tabuleiro estava quase vazio, grita: “Ah, Nhonhô Bilico, você arrematou toda coleção de delícias e vai comer o dia inteiro, a vida inteira as delícias deste tabuleiro”.

Carlito também gostava muito dos doces que eram feitos em casa: pudins, doces em caldas, pastéis de nata...

País do açúcar

Começar pelo canudo,
passar ao branco pastel
de nata, doçura em prata,
e terminar no pudim?

Pois sim.
E o que bóia na esmeralda
da compoteira:
molengos figos em calda,
e o que é cristal em laranja,
pêssego, cidra – vidrados?

A gula, faz tanto tempo,
cristalizada.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 487-488.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017, p. 107.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo I. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 79.

9 Traquinagens de criança

As traquinagens são as travessuras ou as popularmente conhecidas "palhaçadas" feitas pelas crianças.

O poema "Assalto" veio das lembranças do poeta de quando ele passeava pelos galinheiros que existiam nas casas da Cidade de Itabira.

Naquela época, as casas em Itabira tinham galinheiros que ficavam na parte de traz da casa. Carlito e seus amigos gostavam de passear pelos galinheiros.

Um dia, Carlito foi ao galinheiro, e não achou ovos no ninho, ele apalpou a galinha e viu que não tinha ovo por vir, ele disse: o jeito é furtar o ovo de indez, mas ao correr, muito assustado, pelo furto escorregou na titica ou "fezes" de galinha. Dessa situação surge o poema seguinte:

Assalto

O povo agitado das galinhas
foge a verificação anal
de ovos por botar.
A empinada púrpura do galo
protesta contra a invasão do território.
Bateria de gritos
clarim cacarejante musicando
a sombra úmida do poleiro

tapete de titica verde onde escorrega
plaft
o roubador de endez para gemada.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 495.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017, p. 125.

Naquela época, do início do século XX, como era comum em quase todas as casas havia um galinheiro. Neste havia os ninhos onde as galinhas botavam seus ovos. Nunca se pegavam todos os ovos, sempre se deixavam um ovo no ninho, pois se a galinha encontrasse o ninho vazio, poderia botar ovos no chão o que podia quebrar o ovo e este ovo que era deixado no ninho, era chamado de indez.

Algumas crianças quando não encontravam o ovo iam apalpar as galinhas na esperança de um ovo estar por vir. Vendo que o ovo ia demorar a ser botado chegavam a roubar o indez e este fato é retratado nas linhas do poema.

Após a façanha do galinheiro, Carlito gostava de passear, gostava de andar pela Cidade com seus amigos. Nesta época, as casas ainda possuíam quintais amplos e nestes, geralmente, existiam vários pés de frutas.

O poema “Antologia” veio das lembranças de quando ele e seus amigos passeavam pelos quintais da Cidade.

Os quintais do início do século XX não tinham cercas. Quando andava pelos quintais, Carlito, de modo semelhante às demais crianças de sua idade, ia comendo as frutas tiradas dos pés das árvores frutíferas e, às vezes, até ganhava outras dos amigos. O menino se alimentava com as frutas até se fartar e

as que sobravam ainda levava para casa para mostrar a Sá Maria dizendo: “Sá Maria veja as frutas que ganhei.”

E ela respondia “É mesmo meu fio. Gabiroba, jambo, araticum, araçá, ananás, bacupari, jatobá”.

E Carlito perguntava: “Todas de Itabira Sá Maria”.

E Sá Maria respondia: “É fruta do Mato, meu fio”.

Dessas lembranças da memória oral presente entre os moradores mais antigos, Drummond desenvolveu o poema Antologia apresentado a seguir:

Antologia

Guardo na boca os sabores
da gabiroba e do jambo,
cor e fragrância do mato,
colhidos no pé. Distintos.
Araticum, araçá,
ananás, bacupari,
jatobá... todos reunidos
congresso verde no mato,
e cada qual separado,
cada fruta, cada gosto
no sentimento composto
das frutas todas do mato
que levo na minha boca
tal qual me levasse o mato.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 473.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017, p. 79.

Nossa percepção de mundo vem por meio dos sentidos: olfato, paladar, sons etc. O que é percebido vai para a região da mente da cognição. A antologia tem uma relação com a coleção de flores e estas muitas vezes são associadas aos frutos que são produzidos nas várias árvores. Segundo o dicionário Informal (2018), antologia pode ter três significados: é "Parte da Botânica que estuda as flores", ou pode ser "Coleção de flores" ou ainda em relação à literatura, pode ser uma "Coleção de trechos escolhidos de bons autores".

No caso do poema, pode-se associar ao sentido da coleção de flores e estas são associadas na cognição de Drummond com as frutas e daí se desenvolve o poema com as frutas da forma como foram elencadas. A última parte das traquinagens vem no poema seguinte, relacionado com as meninas da época retratadas pelo poeta.

O poema "Meninas no balanço", veio das lembranças da época em que as meninas usavam por baixo da saia uma calcinha de cambraia, tipo fofoca, com babados até quase os joelhos, e os meninos entrando na adolescência, quando elas brincavam, sempre ficavam atentos a qualquer deslize para ver pernas das meninas.

Menina no Balanço

A calcinha (que é calça) de morim-cambraia,
nada transparente, de babados,
deve chegar até quase os joelhos.
A gente espera, a gente fica prelibando,
mas nem isto se vê
na rapidez do balanço que só revela em primeiro plano

a imensidão instantânea da sola dos sapatinhos brancos.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 583.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017, p. 28.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 31.

O termo "morim-cambraia" se refere a um tipo de tecido que é feito com uma mistura de algodão e outras fibras e que, tudo indica, era utilizado na época. As crianças já eram educadas de modo a esconder suas partes íntimas e desta forma, a calça das meninas que estavam no brinquedo do balanço tinham suas roupas até os joelhos. Drummond já estava crescendo e como qualquer adolescente, passa a imaginar o que a sociedade procura lhes esconder.

Prelibar é uma palavra com o sentido, segundo o Dicionário de Sinônimos (2018) de: "desfrutando, provando, experimentando ou, antegozando" e pode-se inferir do poema que esta era a traquinagem apresentada no poema.

10 Brincando na rua

A Cidade possui uma fonte que, na época do início do século XX, formava um poço de água morna localizado em um local onde hoje é próximo à estação rodoviária da Cidade de Itabira.

Na época do Carlito não existia a estação Rodoviária, em cima de um morro, há uma gruta que possui duas saídas: existe uma saída de cada lado. No interior da gruta, que é uma pequena caverna, surgem duas nascentes de água: uma possui uma água bem morna e a outra nasce com uma água fria.

Por mais estranho que possa parecer: de um lado sai água com temperatura maior e do outro na qual a água jorra com temperatura menor. Elas caem formando um poço e, neste, as águas se juntam e saem formando um único curso de água com temperatura morna.

Em cima desta gruta tem uma árvore bem grande, é uma gameleira, árvore centenária, normalmente com copa larga e, tronco grosso com raízes salientes. O nome Gameleira é derivado de sua madeira macia e fácil de trabalhar, utilizada para fazer gamelas, utensílio em forma de bacia.

A toda e qualquer hora do dia, a centenária gameleira sempre fez sombra no poço, o dia inteiro, e suas raízes salientes e cipós caiam por sobre gruta formando um véu nas suas entradas, e, em volta do poço existem outras árvores que sobreiam as águas no seu percurso.

O Banho

Banheiro de meninos, a Água Santa
lava nossos pecados infantis
ou lembra que pecado não existe?
Água de duas fontes entrançadas,
uma aquece, outra esfria surdo anseio
de apalpar na lacuna a perna, o seio,
a forma irrevelada que buscamos
quando, antes de amar, confusamente
amamos.
A tarde não cai na Água Santa.
Ela pousa na sombra da gameleira,
fica vendo meninos se banharem.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo & a falta que ama. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968. p. 25.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boimtempo II. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 61-62.

Na época de Carlito, a água do poço era limpa, e a região em volta da gruta que forma o poço da água santa era um local limpo e agradável, onde os meninos da Cidade de Itabira passavam horas brincando e se refrescando na água do poço.

O poço passou a ser chamado de poço da Água Santa devido a uma lenda local a qual rezava que, havia uma donzela da cidade que, por ocasião da quaresma, se vestia de preto e caminhava até próximo à entrada da gruta e, lá passava horas e horas sentada, imersa em pensamentos e orações,

contemplando as águas que saíam cada uma de seu lado da gruta, formando em baixo o poço com sua água límpida.

A quaresma, que é uma celebração da tradição católica. Ela representa um período de quarenta dias que antecedem a Páscoa, uma festa religiosa, que comemora a ressurreição de Jesus Cristo. Durante os quarenta dias que precedem a Semana Santa e a Páscoa, os cristãos dedicam-se à reflexão espiritual e se recolhem em oração para lembrar os 40 dias passados por Jesus no deserto e os sofrimentos que Ele suportou na cruz do calvário.

A donzela sempre ia à gruta nesse período. Quando as pessoas lhe perguntavam qual o motivo dela fazer aquilo, ou ter aquele comportamento, ela nunca revelava seus motivos de frequentar a gruta naquele período do ano e com aquela regularidade. Finalmente, em seu leito de morte, a jovem donzela revelou o seu segredo: contou que, quando ia à gruta, sempre via a Virgem Maria, que aparecia para ela. A partir desse ponto, as pessoas então começaram a acreditar que a água era realmente milagrosa, e diziam se a água é morna e a Virgem Maria estava na gruta, então a água é santa.

Muitos iam ao poço e tomavam banho, porque acreditavam que se tomassem banho na água, que era santa, suas feridas e enfermidades eram curadas e também os seus pecados eram perdoados.

E é neste panorama que Carlito e seus amigos sempre se encontravam para juntos irem se banhar nas águas do Poço da Água Santa, quem iam eram somente os meninos, pois as meninas eram proibidas pelos pais de irem ao poço brincar com os meninos.

Já os meninos, podiam sair livremente com seus amigos e brincar na rua. E, eles gostavam de brincar e tomar banho no poço, pois o lugar era agradável, e eles iam ao poço com

frequência, e, nas brincadeiras, os meninos começavam a lembrar da possibilidade das meninas estarem ali com eles, brincando no poço. E como os hormônios estavam em alta, pois estavam na idade da adolescência ”imaginavam... as meninas ali com eles em carícias..., mas como o conceito do pecado era muito forte naquela época, pois as famílias eram religiosas e iam sempre a igreja e levavam seus filhos.

Carlito, adolescente, assim como seus amigos, também imaginava as meninas ali com ele no poço, e, se assustava com os pensamentos que lhe vinha à mente, e indagava a si mesmo: será que é pecado o meu pensamento? Assim como os outros, ele também acreditava que a água do poço era santa e que limpava os pecados como contam os moradores mais antigos e a tradição. E, então, mergulhava na água e voltava aliviado: A água santa lava o pecado.

Atualmente, o poço da água santa é um dos locais importantes do turismo na Cidade de Itabira.

11 Doenças de Criança

Uma vez por ano, era costume tomar um remédio para vermes: este era chamado de lombrigueiro. O medicamento matava os vermes e os deixava inteiros. Logo, quando se ia no banheiro, o verme inteiro saia junto com as fezes. Os remédios vermicidas atuais matam e dissolvem os vermes: estes saem junto com as fezes e nem sempre se consegue detectá-los visualmente.

Uma curiosidade da época é que quando as crianças faziam exame de fezes, nos relatórios dos laboratórios, marcava-se com "X" a quantidade de vermes existentes e o nome do verme.

As crianças do início do século XX no interior brasileiro possuíam, em geral, algumas doenças relacionadas à verminose. Este fato é retratado de modo divertido por Drummond no poema "Dupla humilhação" no qual conta como foi derrotado duas vezes por seu rival e a seguir pelo poema "Gosto de Terra" no qual fala sobre os torrões de parede que eram comidos pelas crianças com a crença de que acabaria com os vermes, entre os quais, o principal era lombriga.

Para o poema "Dupla humilhação", o poeta se lembra, de quando ele e seu colega de classe, quando eles estudavam no Grupo Escolar Dr. Carvalho de Brito (hoje ela passou a ser municipal e mudou o nome para Escola Municipal "Coronel

José Batista”). Tal acontecimento foi o motivo do desenvolvimento do poema seguinte denominado “Dupla Humilhação”.

Dupla Humilhação

Humilhação destas lombrigas,
humilhação de confessá-las
a Dr. Alexandre, sério,
perante irmãos que se divertem
com tua fauna intestinal
em perversas indagações:
“Você vai ao circo assim mesmo?
Vai levando suas lombrigas?
Elas também pagam entrada,
se não podem ver o espetáculo?
E se, ouvindo lá de dentro,
as gabarolas do palhaço,
vão querer sair para fora,
hem? Como é que você se arranja?”
O que é pior: mínimo verme,
quinze centímetros modestos,
não mais – vermezinho idiota –
enquanto Zé, rival na escola,
na queda-de-braço, em tudo,
se gabando mostra no vidro
o novelo comprovador
de seu justo gabo orgulhoso;
ele expeliu, entre ohs! e ahs!
de agudo pasmo familiar,
formidável tênia porcina:
a solitária de três metros.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 574.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 19.

Atualmente, no início de 2018, segundo Velasco (2018) 55% do esgoto no Brasil ainda é jogado na natureza. Quando Drummond era um menino e vivia em uma época que não havia água canalizada e nem esgoto, as crianças enchiam-se de vermes.

Carlito fez exame e o resultado deu que tinha lombriga. Seu colega de classe, chamado Zé, que era seu rival, também fez o exame para ver se tinha verme. Foi quando apareceu na Cidade um circo. Quando o circo vinha para a Cidade de Itabira, era uma grande festa, todos queriam ir ver o espetáculo.

Como menciona o poema, Zé, seu colega da escola, que ficou sabendo que o Carlito tinha lombriga, a Cidade era pequena e era comum saber da vida do outro. E, então Zé pergunta a Carlito se ele vai ao circo, se ele vai levar as lombrigas e se elas pagam a entrada para ver o espetáculo junto com ele.

E continua dizendo: "Já pensou, quando o palhaço começar dar as gabarolas, elas ouvindo lá de dentro de sua barriga, resolverem sair pra assistir o espetáculo. O que vai fazer?"

Carlito de pronto responde: "Vamos ver amanhã cada um traga o seu verme e vamos ver quem traz o maior."

No outro dia, cada um com seu verme dentro do vidro.

Carlito mostra o seu mísero verme de quinze

centímetros e Zé mostra uma solitária porcina de três metros e se sente humilhado diante da nova derrota. No imaginário infantil quem tivesse a maior lombriga seria o vitorioso.

As lembranças do poeta para o poema “Gosto de Terra”, é de quando, certa vez Carlito encontra Chiquito e, vendo-o com um torrão de terra na mão, olha espantado para o amigo e pergunta-lhe: “você está comendo terra Chiquito? Na sua casa tem mesa farta!”

E ele continua perguntando se a terra tem gosto. O amigo lhe oferece um pouco de terra. Carlito recusa a terra e agradece. E ainda querendo saber se a terra tem gosto, pergunta novamente: “Gosto de que?”

Chiquito por sua vez responde: “Ora, de terra, de raiz, de profundo, de Japão. Você vai mastigando, vai sentindo o outro lado do mundo. Experimenta Carlito. Só um torrãozinho?”.

Carlito fala: “Não, eu prefiro comer nuvem, chego ao céu melhor que um avião.” A seguir, apresenta-se o poema “Gosto de Terra”:

Gosto de Terra

Na casa de Chiquito a mesa é farta
mas Chiquito prefere comer terra.
Olho espantado para ele.
“Terra tem um gosto...” Me convida.
Recuso. ”Gosto de quê?” ”Ora, de terra,
de raiz, de profundo, de Japão.
Você vai mastigando, vai sentindo
o outro lado do mundo. Experimenta.
Só um torrãozinho.” Que fazer?
Insiste, mas resisto.

Prefiro comer nuvem, chego ao céu
Melhor que o aeroplano de Bleriot.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 641.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: Esquecer para lembrar. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017, p. 119.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 115.

Antigamente, na época da infância do poeta Drummond, as casas eram de “pau-a-pique”: estas eram feitas com o entrelaçamento de bambu e cipó e os vãos eram preenchidos com barro. Nesse período era comum as crianças terem muitos vermes. E havia a crença na qual a terra matava os vermos e por isso, havia crianças que tinham o hábito de comer terra: elas tiravam das paredes das casas, pequenos torrõezinhos de terra e os comiam. Na realidade, quem comia a terra adquiria mais vermes.

Também, quando ele fala no poema: ... de raiz, de profundo, de Japão. Você vai mastigando, vai sentindo o outro lado do mundo..... É porque, como o Japão fica do outro lado do Planeta, era muito comum as pessoas, principalmente as crianças, dizerem “se fizermos um buraco aqui, onde estamos, bem fundo, vamos sair lá no Japão”.

12

Sá Maria

Sá Maria podia ser considerada como sendo a segunda mãe ou a querida mãe preta de Carlito. Ela era a pessoa que mais compreendia o menino Carlito.

Carlito era muito curioso e perguntava tudo para Sá Maria que com sua sabedoria e bondade sempre tinha uma resposta em sua linguagem africana e itabirana.

Um Diálogo de Carlito com Sá Maria:

Um dia passeando com Sá Maria ele olha de lado e pergunta "o que é esse montão Sá Maria?
- É cupim meu fio, morada da formiga. Quando elas criam asas e "avoam", viram tanajura e largam eles pros bichos maus.
Que bichos?
Cascavel, tiú, lagarto, lagartixa, piolho de cobra.
Colocando a cabeça na abertura do cupim, disse:
Que casa bonita! Queria morar nela.
Num fala bobage, meu fio. Ocê tem uma casa muito bonita...
Tenho vontade de virar bicho.
Cruz credo, Ave Maria! Ocê tá ficando de cabeça virada e miolo mole...
Carlito sentado no colo de Sá Maria acariciando seu rosto: Como você é diferente, Sá Maria. Você é prestimosa, a voz

severa, mas trazendo um secreto carinho, o coração aberto. Você vai feliz encher seu pote d'agua, preparar cedo o almoço e o jantar da família, deitar cedo os filhos de criação.
Sá Maria: Como você é carinhoso, meu fio branco!
O menino Carlito chega tarde em casa e encontra tudo apagado.
Entra pé ante pé. Chama: Sá Maria, Sá Maria!
Sá Maria: Tô aqui meu fio.
Carlito senta no colo de Sá Maria segura nas suas medalhas penduradas no pescoço.
Chama baixinho ao seu ouvido: Sá Maria dá um jeito deu não ser castigado.
Sá Maria; Pode deixa meu fio, ninguém vai fazê nada com meu menino."

(Conversa de Carlos Drummond de Andrade com Sá Maria, extraído da fonte: DRUMMOND, Muller Julieta. **Conversa de Drummond com Sá Maria**. s.n.t.)

A sabedoria de Sá Maria é aquela que as pessoas adquirem ao longo dos anos, trabalhando, observando, fazendo amigos etc. e com isso ela possuía uma experiência de vida, ela era um ser humano que gostava de crianças e possuía um letramento em relação à vida e por isso podia ensinar muito como o fez. Carlito fazia coleção de cacos de louça, penas de passarinhos e somente a Sá Maria entendia a sua ligação com a natureza.

A seguir, Carlito conversa com Sá Maria sobre suas coleções:
"Carlito: Sá Maria posso guardar as minhas coleções em seu quarto? José falou que é lixo e vai jogar tudo fora.
Sá Maria: Pode guardar meu fio, se José vier aqui eu passo um pito nele. Seu Coronel já me autorizou.

Carlito: Abre um guardanapo na porta do quarto de Sá Maria e fica conversando com suas coleções.
Dona Julieta: Vê aquela sena, olha para Sá Maria e diz: Tenho medo de Carlito ficar doido, Sá Maria.
Sá Maria: Sá Dona Julieta! Esse menino que Deus Nosso Sinhô pôs no mundo, num é doido não. Meu fio é diferente do Vivi e do José. Se Deus Nosso Sinhô ajudar que ele cresce, ele vai ser muito mais poderoso que Sô Capitão Elias. (avô de Drummond). Carlito tem alma de passarinho.
Dona Julieta Augusta: Que Deus a ouça e os anjos falem amém, Sá Maria."

(Conversa de Carlos Drummond de Andrade com Sá Maria, extraído da fonte: DRUMMOND, Muller Julieta. **Conversa de Drummond com Sá Maria**. s.n.t.)

No poema "Anjo guerreiro", Drummond menciona a querida Sá Maria como sendo "sua mãe preta", como ele a chamava.

Um acontecimento ou fato ocorreu no dia em que cortaram a água da residência do Coronel: mesmo com a pena paga (pena era a maneira de medir o consumo de água) isso ocorreu quando o Coronel se encontrava ausente.

Não há relatos de outras pessoas que tiveram a coragem de Sá Maria na ocasião: com machado em punho foi em defesa da família, mostrando seu grande apreço e carinho para com a família de Drummond e pelo que considerava certo. Este episódio que é narrado pela memória do poeta da seguinte forma:

Sá Maria vai falar com Sinhá Dona Julieta, "a água acabou."

Dona Julieta responde: “Cortaram a água e o Coronel está viajando, mas ele nunca viajou sem pagar todas as contas.

Sá Maria fala: “Vai buscar a conta Sinhá”.

Dona Julieta retruca: “Isto só pode ser vingança, ou política, pois a conta está paga”.

Sá Maria fala: “Deixa comigo Sinhá, e pega o machado em punho e sai.

As pessoas na rua gritam: “Corre João Jiló você fiscal da Câmara, você cortou a água do Coronel vai ter a cabeça rachada com machado”.

Enquanto isso, Sá Maria passa direto e de repente bate com o machado na pena d’água, e jorrou a agua na casa do Coronel.

Apresenta-se a seguir o poema “Anjo-Guerreiro” que traz a evocação mencionada.

Anjo-Guerreiro

Ó João Jiló, fiscal da Câmara,
por que foste cortar a água
do sobrado do Coronel?
A pena d’água estava paga,
o coronel estava ausente.
As panelas escureceram,
os meninos morrem de sede,
as camisas morrem de sujo.
Foi por vingança, João Jiló?
Foi por política, não foi?
Ah, Jiló, isto não se faz
com o Coronel nem com o sobrado.

Sá Maria, machado em punho,

já segue no teu encalço,
pelos botecos te procura
e pelos becos te reclama.
A empregada do Coronel
ofensas tais não admite.
Quando a encontrastes, toma tento,
foge, foge, João Jiló,
ou antes, não fujas: abre
a água para o Coronel.

Não abres? Recusas? João,
ó João, insensato João,
já se ergue o fero machado
de rachar lenha e cabeça.
Invocas a autoridade,
a lei, a prisão perpétua?
Que importa, se Sá Maria,
acima da lei, é a própria
leoa negra do sobrado,
anjo-guerreiro da família
do Coronel.

Relumeia o ferro no espaço
e logo baixa, relampeante
sobre registro e encanamento.
Então pensavas, João Jiló,
que era para te matar,
a ti, simples fiscal da Câmara?
A água rebenta, libertada
da carceragem da política
e vai direta, vai esperta
para as panelas, os banheiros

e os meninos do Coronel.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 517-518.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo I. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 123-124.

Existem muitas pessoa boas de coração e laboriosas que não merecem ser maltratadas e nem humilhadas. Vivemos em uma sociedade na qual nem sempre as pessoas boas são lembradas.

Drummond muitas vezes em seus poemas relata fatos ocorridos, com o nome das pessoas que são homenageadas e nos versos modernistas em rima e com mais liberdade de escrita.

O poeta maior lembrou-se com respeito e carinho daquela que o acompanhou na infância e na época infanto-junvenil mostrando um bom traço de caráter e por meio do seu instrumento de trabalho, de sua arte: seu poema, eterniza a pessoa maravilhosa que foi Sá Maria e que não fossem as letras e versos ficariam no esquecimento da sociedade.

13 Os temores

Numa época em que ainda não se tinha para-raios nas cidades interioranas apesar dele ter sido inventado por Benjamin Franklin, nos EUA em 1752, quando acontecia uma tempestade, ela causava sérios danos à população e isso amedrontava as pessoas, muitas crianças tinham medo do barulho do trovão.

Na Cidade de Itabira, quando ocorriam tempestades com trovoadas, muitos rezavam para Santa Bárbara que é conhecida como sendo a protetora contra os raios. O poema "O raio" escrito por Drummond apresenta este acontecimento.

Tempestade

O raio
iluminou o mundo inteiro
até o fundo das almas.
Vida e inferno em relâmpado
se embolaram.
Depressa ao quarto! ao quarto escuro!
De joelhos diante da cama
Santa Bárbara na parede, valei-nos!
Nunca mais pecaremos nunca mais
havemos de merecer este castigo

de elétrica justiça.

A santa escuta os pecadores
e sobre a enxurrada no cascalho
íris em arco, céu clemente,
celebra-se o casamento da raposa.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 500.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo I. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 97.

Santa Barbara é lembrada em muitas cidades brasileiras e na tradição cristã católica. Antes da época da ciência, nos tempos antigos da pré-história considerava-se que os trovões e acontecimentos na natureza eram devidos às forças desconhecida e como considera Bulfinch (2002) até a época da mitologia Grega, atribuía-se os trovões às divindades que eram os famosos deuses da Grécia Antiga.

Segundo a tradição Católica, apresentada no *website* Cruz da Terra Santa (2018), Santa Bárbara nasceu na Cidade de Nicomédia na Turquia no final do Século III da d.C. e era filha única de um nobre rico da Cidade.

À medida que cresce, Santa Bárbara se torna uma bela jovem. Ela se converte ao cristianismo que seu pai, não aceita. Por este motivo, ele a condena à morte mas ao decapitá-la é também atingido por um raio. A população considera que ele foi castigado pelo mau que fez “Santa Bárbara ganhou o status de "protetora contra relâmpagos e tempestades", além de ser nomeada Padroeira dos artilheiros, dos mineradores e das

pessoas que trabalham com fogo”. Essa padroeira ainda é bastante lembrada mesmo em tempos atuais.

14 Indo à igreja

Carlito gostava de frequentar a igreja do Rosário, mas quando via a imagem de São Jorge ele fugia amedrontado. O São Jorge é uma imagem de tamanho real que até hoje se encontra na Igrejinha do Rosário.

Este São Jorge, no dia de comemoração da festa do Santo, fazia-se a sua procissão montando-o num cavalo. É uma imagem muito pesada, apesar de ter uma abertura nas costas onde foi retirado parte da madeira para torná-lo mais leve.

A imagem de São Jorge tem olhos grandes e bem arregalados e uma lança na mão, isto assustava a meninada, inclusive Carlito. O poema seguinte de título "São Jorge na Penumbra" apresenta os fatos mencionados.

São Jorge na Penumbra

São Jorge imenso espera o cavalo
que ainda não foi arreado,
ainda não foi raspado,
ainda não foi escolhido
entre os vinte melhores da redondeza.

São Jorge fora de altar
(não cabe nele)
espera o dia da procissão

em canto discreto da Matriz.

São Jorge é meu espanto.
Ainda não vi santo montado.
Santos naturalmente andam a pé,
atravessam rios a vau e a pé,
fazem milagres a pé.
Usam sandálias
de luz e poeira como os deuses
da gravura.
São Jorge usa botas como os fazendeiros
de minha terra.

E não é fazendeiro. São botas de guerra.
São Jorge mata o dragão. Mata os inimigos
de Deus na bacia do Rio Doce?
Fica longamente na penumbra
esperando cavalo e procissão
só um dia no ano: ele é São Jorge
mesmo.
No mais, uma espera colossal.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 631-632.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 102.

São Jorge é um dos santos católicos bastante celebrados. Segundo Gaskes (2016) ao falar sobre São Jorge, considera que o santo é alguém que "...insatisfeito com o mundo passivo onde vive e inconformado com a situação cômoda do dia a dia, segue outra direção. É diferente, pois vai na contramão do

conformismo e não se enquadra num tipo de proceder comum dos mortais de seu tempo”.

São Jorge, além de sua fé, também era militar e inserido no seu ambiente profissional e a imagem mais evocada é a dele montado em um cavalo e matando um dragão com uma lança. O tamanho e a postura de luta muitas vezes assustam as crianças e tudo leva crer que era o que acontecia com Drummond que escreve este poema lembrando da estátua e da procissão.

O poema “Suum Cuique Tribuere” as lembranças vieram de quando Carlito, o poeta ia todos os domingos a missa das dez horas. Sempre observava Zé Xanela totalmente bêbado deitado no banco da igreja. Mas um dia aconteceu o que o poeta recorda e faz o poema.

Suum Cuique Tribuere

O vigário decreta a lei do domingo
válida por toda a semana:
- Dai a César o que é de César.
Zé Xanela afundado no banco
vem à tona d`água
ardente
acrescenta o parágrafo:
- Se não encontrar César, pode dar a Sá Cota Borges que é mãe dele.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 621.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 89.

Era e, ainda é costume do povo cristão católico fervoroso ir à Igreja na missa aos domingos. A Igreja recebe todos os fiéis e uma comprovação disso está no fato de que até mesmo "Zé Xanela" era recebido mesmo estando bêbado.

O poema "Marinheiro" se refere às roupas de marinheiro, que era usada naquela época, em que as famílias tinham o costume de usar as melhores roupas para irem à missa, principalmente a missa das 10h, que era um verdadeiro desfile de moda. A roupa de Marinheiro, por ser considerada muito *chic*, era uma roupa de ir na missa.

Marinheiro

A roupa de marinheiro
sem navio.
Roupa de fazer visita
sem direito de falar.
Roupa-missa de domingo,
convém não amarrotar.
Roupa que impede brinquedo
e não se pode sujar.
Marinheiro mais sem leme,
se ele nunca viu o mar
salvo em livro,
e vai navegando em seco
por essa via rochosa
com desejo de encontrar
quem inventou merda moda
de costurar esta âncora
no braço
e pendurar esta fita

no gorro.
Ah, se o pudesse pegar!

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. A senha do mundo. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 17.)
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 566.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo I. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 189.

Muitas vezes, as Igrejas com suas missas e mesmo os cultos aos domingos são locais aos quais as pessoas e famílias vão com suas melhores roupas. No passado, as pessoas das cidades interioranas não tinham muitos eventos e ir à missa ou culto era um momento importante apesar desse costume, nos dias de hoje, já não ser tão forte uma vez que as pessoas têm outros atrativos como consideram Shitsuka et al. (2017) quando estudam a festa de Corpus Christi na Cidade de Castelo no interior do Estado do Espirito Santo e consideram que atualmente há muitos atrativos para os jovens que competem com os eventos das Igrejas.

Segundo Pires (2010) as abordagens em relação à religião e infância são escassas. Para a pesquisadora (p. 149) “As crianças nunca vão aos eventos religiosos sozinhas: sempre lhes acompanham a família ou os amigos. Geralmente, as crianças colocam a sua melhor roupa para irem à missa ou ao culto”. A pesquisadora *Ibid* complementa que a criança a sociedade “cobra” que as crianças vão limpas à Igreja, seja Católica, Protestante ou outra “Não tomar banho, usar roupa suja ou comparecer descalço seriam consideradas atitudes inadmissíveis”.

Como a roupa de marinheiro é considerada como sendo

“elegante” mesmo na época da infância de Drummond, ir vestido com uma roupa deste tipo era interessante para ir à missa dos domingos.

O poema “Confissão” veio das lembranças de Carlito, quando menino aprendeu com seus pais a seguir os hábitos da religião católica. Este fato é semelhante ao que considera Gaskes (2016) que afirma que as crianças, em geral, aprendem a ir à Igreja e seus valores com suas famílias: ele se confessava, comungava, vestia de anjo e assistia a missa. O poema confissão apresenta um pouco desta realidade.

Confissão

Na pequena cidade
não conta seu pecado.
É terrível demais para contar
nem merece perdão.
Conta as faltas simples
e guarda seu segredo de seu mundo.

A eterna penitência:
três padre-nossos, três ave-marias.
Não diz o padre, é como se dissesse:
- Peque o simples, menino, e vá com Deus.
O pecado graúdo
acrescido do outro de omiti-lo
aflora noite alta
em avenidas úmidas de lágrimas,
escorpião mordendo a alma
na pequena cidade.

Cansado de estar preso
um dia se desprende no colégio

e se confessa, hediondo.
- Mas você tem certeza de que fez
o que pensa que fez, ou sonha apenas?
Há pecados maiores do que nós.
Em vão tentamos cometê-los, ainda é cedo.

Vá em paz com seus pecados simples,
reze três padres-nossos, três ave-marias.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 559.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo I. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 180.

Segundo o padre Baez (2017) a confissão é uma oportunidade de curar a alma e o coração. A confissão é um ritual praticado na Igreja Católica onde os fiéis vão se confessar junto ao padre e recebem o alívio e a pena que geralmente é um conjunto de orações que têm que fazer. Ao realizar a confissão e cumprir com as orações determinadas pelo padre, o frequentador da Igreja se sente aliviado uma vez que seus pecados foram ouvidos e perdoados.

Por meio de seus rituais, o catolicismo no Brasil tem prosperado principalmente nas cidades mais antigas do interior. Um exemplo disso vem por meio da cerimônia de Corpus Christi da Cidade de Castelo, no Estado do Espírito Santo, que como cita Shitsuka et al. (2017), tem aumentado o número de participantes a cada ano.

15 Na escola primária

Em 1910, o Grupo Escolar Dr. Carvalho de Brito, foi o primeiro Grupo de Itabira e o segundo de Minas Gerais. Foi instalado em 1907.

A sala de aula era mista, porém cabia ao professor fazer a separação e colocar meninos de um lado e meninas de outro, coisa exigida pelas famílias e pela própria escola. Este fato é marcado por meio do poema Classe Mista apresentado a seguir.

Classe Mista

"Meninas, meninas,
do lado de lá.
Meninos, meninos,
do lado de cá."
Por que sempre dois lados,
corredor no meio,
professora em frente,
e o sonho de um tremor de terra
que só acontece em Messina,
jamais, jamais em Minas,
para, entre escombros, me ver
junto de Conceição até o fim do curso?

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 581.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 29.

Com considera Pêcheux (2008) o conhecimento do contexto facilita a interpretação e entendimento de um enunciado. O contexto era o das escolas do início do século XX. Muitas delas na época ou eram só para meninos ou só para meninas. Um exemplo disso é o Colégio Nossa Senhora das Dores na Cidade de Itabira, segundo CNSD (2018) era um exemplo de escola que começou aceitando somente meninas quando iniciou suas atividades em 1923 e, posteriormente, com a evolução passou a ser uma escola mista a partir de 1970.

Carlito foi matriculado no Grupo Escolar Dr. Carvalho de Brito, que era uma escola que já começou mista. Ela aceitava meninos e meninas nas mesmas turmas. Esta escola, posteriormente, mudou de nome para o atual que é Escola Municipal Coronel José Batista e fica localizado no centro da Cidade de Itabira-MG.

Muito curioso Drummond foi alfabetizado inicialmente por meio de sua irmã Rosa, que era normalista, tocava piano e pintava telas. Rosa o alfabetizou no escondido de seus pais que já o achavam muito além de seu tempo. Tinham medo que ele ficasse louco.

A leitura é um fator importante para que se melhore o processo de alfabetização e como considera Pires, Miranda e Melo (2016) por meio da leitura pode-se ter uma pessoa com maior domínio da leitura e escrita. Por meio delas pode-se adquirir mais saber e o letramento que é importante para se

evitar o analfabetismo.

O menino Carlito era fascinado por leitura e uma vez ele disse conforme a memória oral: “Me fascinei pelas letras, lia um jornal da primeira à última palavra. Embora compreendesse apenas um terço do que lia, mesmo assim queria ler mais e mais”.

16 Trabalhando fora

Quando Drummond terminou o Ensino Primário, o Coronel então estava pesquisando qual seria o melhor colégio para mandar o filho amante da leitura.

Aproveitando este tempo Carlito pede ao pai para trabalhar na Venda do Ranolfo Martins da Costa. O pai não entendeu bem o porque do filho que tinha tudo queria trabalhar.

Mas Carlito muito curioso achou que trabalhando de caixeiro na venda do Ranolfo ele poderia conhecer os hábitos e os costumes dos Ingleses que haviam comprado às minas e viviam lá na Serra da Conceição. Eles não se comunicavam com ninguém e quando vinham à cidade só falavam em inglês.

Qual foi a decepção de Carlito, pois a única coisa que conseguiu saber foi que compravam muito, comiam bem e pagavam muito bem.

O Inglês da Mina

O inglês da mina é bom freguês.
Secos e molhados finíssimos
seguem uma vez por mês
rumo da serra onde ele mora.
Inglês invisível, talvez
mais inventado que real,

mas come bem, bebendo bem,
paga melhor. O inglês existe
além do bacon, do patê,
do White Horse que o projetam
no nevoento alto da serra
que um caixeirinho imaginoso
vai compondo, enquanto separa
cada botelha, cada lata
para o grande consumidor?
Que desejo de ver de perto
o inglês bebendo, o inglês comendo
tamanho lote de comibebes.
Ele sozinho? Muitos ingleses
surgem de pronto na mesa longa
posta na serra. Comem calados.
Calados bebem, num só inglês.
Talvez um dia? Talvez. Na vez.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 90-91.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 1065.

Um fato curioso em relação à Drummond é que este nome, conforme o website Origem do Sobrenome (2018) vem de uma família de origem escocesa por meio da junção das palavras: “Drum” de origem gaulesa que significa homem e, “Mond” de origem germânica que significa protetor.

Da Escócia, alguns membros da família foram morar em Portugal, outros na Ilha do Açores que também era um domínio português e havia ainda os que vieram para o Brasil e

deram origem à família do poeta maior.

Muito embora a origem do nome próximo à Inglaterra. A Escócia, segundo Estadão (2017) mantem uma relação tumultuada com a Inglaterra em uma união de mais de 300 anos. A origem dos escoceses é celta.

Apesar do sobrenome que poderia ter alguma relação com a Inglaterra, Drummond não possuía conhecimentos do idioma inglês. Os ingleses adquiriram a mina que posteriormente se tornaria a empresa Vale. Na época da aquisição, o Governo Brasileiro permitia a exploração de minérios por empresas estrangeiras. Esta permissão acabaria na época do presidente Getúlio Vargas que adquire de volta a mina e não permite a exploração pelos estrangeiros.

Na época de Carlito, a mina pertencia aos ingleses e havia técnicos e engenheiros que vieram da Inglaterra para realizar os trabalhos de exploração dos minérios. Esses trabalhadores ingleses ficavam em uma vila por eles construída e periodicamente iam ao centro da Cidade de Itabira para adquirir mantimentos.

Drummond foi trabalhar como caixeiro na venda de Randolfo Martins. Apesar de ser uma criança rica, seu pai permitiu, uma vez que o poeta queria conhecer os hábitos e costumes dos ingleses. Como estes eram calados, de poucas palavras, apenas lhe entregavam a lista das compras tornando assim difícil para o poeta aprender alguma coisa nestas condições, como se observa no poema.

17 Continuando os estudos em outras cidades

Quando o pai decidiu onde Carlito deveria estudar, ele se despede do Ranolfo, que sem saber como pagar o filho do Coronel, acha melhor dar-lhe de presente um corte de casimira para fazer um terno.

O Coronel avisa a Carlos que irá estudar no Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte, ele assusta. Como deixar Itabira? Como deixar minha família? Minha casa? O poema “Fim da casa paterna” retrata esta fase da vida do poeta.

Fim da casa paterna

I

E chega a hora negra de estudar.
Hora de viajar
rumo à sabedoria do colégio.

Além, muito além de mato e serra,
fica o internato sem doçura.
Risos perguntando, maliciosos
no pátio de recreio, imprevisível.
O colchão diferente.

O despertar em série (nunca mais
acordo individualmente, soberano).

A fisionomia indecifrável
dos padres professores.
Até o céu diferente: céu de exílio.
Eu sei, que nunca vi, e tenho medo.

Vou dobrar-me
à regra nova de viver.
Ser outro que não eu, até agora
musicalmente agasalhado
na voz de minha mãe, que cura doenças,
escorado
no bronze de meu pai, que afasta os raios.

Ou vou ser – talvez isso – apenas eu
unicamente eu, a revelar-me
na sozinha aventura em terra estranha?
Agora me retalha
o canivete desta descoberta:
eu não quero ser eu, prefiro continuar
objeto de família.

II
A “condução” me espera:
o cavalo arreado, o alforje
da matalotagem,
o burrinho de carga,
o camarada-escudeiro, que irá
na retaguarda,
meu pai-imperador, o Abre-Caminho.

Os olhos se despedem da paisagem
que não me retribui.

A casa, a própria casa me ignora.
Nenhuma xícara ou porta me deseja
boa viagem.
Só o lenço de minha mãe fala comigo
e já se recolheu.

III

São oito léguas compridas
no universo sem estradas.
São morros de não-acaba
e trilhas de tropa lenta
a nos barrar a passagem.
Pequenos rios de barro
sem iaras, sem canoas
e uns solitários coqueiros
vigiando mortas casas
de falecidas fazendas.
Ou são mergulhos na lama
de patas que não tem pressa
de chegar a Santa Bárbara.
Quando termina a viagem,
se por acaso termina,
pois vai sempre se adiando
o pouso que o pai promete
a consolar o menino?
Que imenso país é este
das Minas fora do mapa
contido no meu caderno?
Que Minas sem fim nem traço
de resmungo entre raríssimos
roceiros que apenas roçam
mão na aba do chapéu

em saudação de passante?
O cavalgar inexperto
martiriza o corpo exausto.
Se bem que macia a sela,
deixa o traseiro esfolado.
Até que afinal, hosana!
apeando em São Gonçalo
diante da suspirada
venda de Augusto Pessoa,
meu pai, descansando, estende-me
o copo quente e divino
de uma cerveja Fidalga.
Bebi. Bebemos. Avante.

IV

Tenho que assimilar a singularidade
do trem-de-ferro.
Sua bufante locomotiva, seus estertores,
seus rangidos, a angustiante
ou festiva mensagem do seu apito.

Ah, seus assentos conjugados de palhinha
sobre o estofo.
Nunca viajei em bloco, a vida
começa a complicar-se.
Novidade intrigante, o sabonete
preso na corrente.

Minha terra era livre, e meu quarto infinito.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída da fonte:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 643-645.

Nas cidades do interior brasileiro no começo do século XX, era muito comum, para o caso das famílias com os pais que possuíam alguma condição financeira boa, enviar seus filhos para estudar em cidades maiores que possuíam colégios com estudo mais estruturado nos quais havia condições de ocorrer um melhor aprendizado. Como não havia estradas como ocorre nos dias atuais, era preciso fazer percursos longos entre as cidades montado no lombo de burros.

O poeta Drummond sente a dificuldade de ter que sair do seu ambiente, das pessoas com as quais estava acostumado, das coisas que gostava e tinha que ir para outra cidade, morar em outro local onde não conhecia ninguém.

Em um estudo realizado sobre migração e imigração recente, focando em imigrantes haitianos chegando à Cidade de Curitiba-PR, Araújo (2016) considera que a aprendizagem e socialização da criança imigrante é conturbada, mas sua adaptação e aprendizagem são rápidas. Verifica-se que há dificuldades na adaptação e nem todas crianças conseguem passar por esse período com sucesso. No caso de Drummond, o poema "O ombro", considera que o processo é triste... e, continua escrevendo...

Ombro

Se triste é ir para o colégio distante,
fica mais triste ainda
ao ver Sebastião Ramos chorando no ombro de meu pai:

"Estou perdido! Nunca mais levanto!
A quebra dessa casa é a minha morte".
O fragor do trem martela seu desespero,
ou seu desespero rilha nos trilhos

e, na caldeira, queima?

Ei, Sebastião Ramos, faz assim não na minha frente!
Também estou perdido: morte no internato.
Morrer vivo o ano inteiro é mais morrer
embora ninguém perceba
e ficarei sem ombro
para acalentar a minha morte.
Ó Sebastião Ramos, você roubou meu ombro.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 64.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: Esquecer para lembrar. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017, p. 127.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 122.

E, Carlito vai para Belo Horizonte...... Chega ao Colégio Arnaldo em Belo Horizonte. O menino Drummond fica muito triste lembrando do que havia deixado para trás, depois de dois meses ele adoece e não consegue ficar no Colégio.

Devido sua tristeza manifestada pelo menino e ao fato de manifestar um estado de saúde mórbido, seu pai o traz de volta para a Cidade de Itabira. Já de volta, o pai o matricula nas Aulas de Francês de um professor famoso na Cidade que era o Mestre Emílio. Este período é apresentado no poema “Cultura Francesa”.

Cultura Francesa

Com Mestre Emílio aprendi
esse pouco de francês
que deu para ler Jerry.

Murilo, diabo na aula,
tinha gestos impossíveis,
que nem macaco na jaula.

Mestre Emílio, tão severo
não via no último banco
o aluno de moral-zero.

Os verbos irregulares
saltavam do meu Halbout,
perdiam-se pelos ares.

Nunca mais os encontrei...
Talvez Brigitte Bardot
me ensinasse o que não sei.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo & a falta que ama. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968. p. 118.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 78.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 1057.

Drummond relata no poema que nas aulas de francês do mestre Emília, não conseguiu aprender nada: havia um colega chamado Murilo, que aprontava as maiores brincadeiras ou

macaquices e mesmo Mestre Emílio sendo um professor enérgico e rigoroso, não conseguia perceber o que Murilo fazia atrapalhando o aprendizado de Drummond.

No começo do século XX a cultura francesa estava na moda. Segundo Giacchetta (2012) a influência francesa era muito grande no Brasil devido em parte ao movimento da *Belle Epoque* que ocorreu na França e contagiou nosso País e muitos outros. Após essa fase, o pai de Carlito tinha a esperança de voltar a enviar o menino para outro colégio que seria considerado forte e que ofereceria uma boa educação.

O pai de Drummond esperou o menino se recuperar para enviá-lo para outro colégio em um grande centro. Lacerda, Shitsuka e Shitsuka (2018) afirmam que em 2018 o poeta jovem teria que estudar em um colégio no Rio de Janeiro. Chegando ao final do ano 1917 o pai o comunica que depois das férias ele iria estudar no Colégio Anchieta em Nova Friburgo/RJ Assim não teria como ficar pedindo para voltar.

As lembranças de Drummond com relação ao seu tempo de estudo no Rio de Janeiro no Colégio Anchieta são apresentadas no poema "Primeiro Dia".

Primeiro Dia

Resumo do Brasil no pátio de areia fina.
Sotaques e risos estranhos.
Continente de almas a descobrir
palmo a palmo, rosto a rosto,
número a número,
ferida a ferida.
Mal nos conhecemos, a palavra-mistério
na pergunta-sussurro
É pedrada na testa:

- Você gosta de foder?

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 654.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: Esquecer para lembrar. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017, p. 145.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 135.

O Colégio Anchieta era uma escola tradicional, particular, no Rio de Janeiro que recebia crianças de vários locais do Brasil. Essa escola foi criada em 1986 pelos Jesuítas. Segundo o website JesuitasBrasil (2016) e Winter (2016), em 2016 o Colégio Anchieta completou 130 anos de existência.

Para se ter uma ideia, mesmo nos dias atuais, essa fabulosa escola continua apresentando uma educação muito conceituada: no ano de 2015, Conforme o website A Voz da Serra (3025) esta escola ficou em segundo lugar no Município de Nova Friburgo em relação às notas do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM.

Carlito chega ao Colégio Anchieta onde os alunos eram cariocas e paulistas filhos de pais de muitas posses. Ele apesar de pais de posses era um menino muito tímido e defensor dos pobres e marginalizados e por isto sofreu muito com a gozação dos colegas.
E continua escrevendo...

Segundo dia

Sou anarquista. Declaro honestamente.
(A tarde vai cerzindo no recreio
o pano de entrecortada confissão).

Espanto, susto. Como?
O quê? Por que? Explica essa besteira.

A solução é a anarquia. Sou
anarquista. Nem de longe vocês captam
o sublime anarquismo. Sou.
Com muita honra. Mas vocês, que são?
Vocês são uns carneiros
de lã obediente
.
Zombem de mim. Me vaiam. Anarquista
A-nar-quis-tá a–nar-quis-tá-tá!
(Medo de mim, oculto em gozação?)
O bicho mau, o monstro repelente
conspurgando o jardim de Santo Inácio.

Avançam. Topo a briga. Me estraçalho
lutando contra todos. Furor mil.

Morro ensangüentado. Não. Não mato algum
nem me tocam sequer.
Negro e veloz chegou a tempo
o Padre, e me salvado massacre
porém não do apelido: o Anarquista

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 654.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: Esquecer para lembrar. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017, p. 146.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 135-136.

Carlito já estava se tornando um jovem e como tivera uma boa formação, sabia pensar por si, questionar o mundo e ter autonomia. No final do século XIX e início do século XX vieram para o Brasil muitos imigrantes europeus que trouxeram consigo a ideia do anarquismo.

Segundo o *website* significados (2018) "O termo anarquismo tem origem na palavra grega *anarkhia*, que significa "ausência de governo"... e teria duas correntes: anarquismo individualista e o anarquismo coletivista.". Seria o fim da autoridade e seria contra toda opressão. Não haveria mais classes sociais.

No anarquismo individualista acredita-se que o coletivo resultaria em autoritarismo. Já o anarquismo coletivista se opõe ao individualismo acreditando que este seguiria a mesma lógica do capitalismo. Esses movimentos do início do século passado influenciaram o jovem Carlito como ele se expressa no poema segundo dia. No caso ele não aceitava o autoritarismo reinante no Colégio Anhieta.

Observa-se que tendo sido criado como filho de um fazendeiro de muitas posses, a autoridade do pai também fazia parte da cultura familiar e quando Carlito sai do seu ambiente no qual era acostumado a ter liberdade e a contar com os serviçais da casa, de repente vai morar em outra cidade e estudar em uma escola na qual tem que obedecer e sente-se mal com esta situação.

E continua escrevendo...

Terceiro dia

Mamãe quero voltar
imediatamente.
Diz a Papai que venha me buscar.

Não fico aqui, Mamãe, é impossível.
Eu fujo ou não sei não, mas é tão duro
este infinito espaço ultra fechado.
Esta montanha aqui eu não entendo.
Estas caras não são caras da gente.
E faz um frio e tem jardins fantásticos,
mas sem o monsenhor, o beijo, a crisandália
que são nossos retratos de jardim.
Da comida não queixo, é regular,
mas falta a minha xícara, guardou
para quando eu voltar
Ai Mamãe, minha Mãe, o travesseiro
eu ensopei de lágrimas ardentes
e se durmo é um sonhar de estar em casa
que a sineta corta ao meio feito pão:
hora de banho madrugadora
de chuveiro gelado, todo mundo.
Nunca tomei banho assim, sou infeliz
longe de minhas coisas, meu chinelo,
meu sono só meu, não neste estepe
de dormitório que parece um hospital.
Mamãe, o dia passou, mas tão comprido
que não acaba nunca de passar.
Um ano à minha frente? Não aguento.
Mas farei o impossível. Me abençoe.
E faz um frio... A caneta está gelada.
Não te mando esta carta
que um padre leria certamente
e me põe de castigo uma semana
(e nem tenho coragem de escrever).
Esta carta é só pensada.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 655-656.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: Esquecer para lembrar. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017, p. 147.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 137.

Observa-se que no poema terceiro dia, Carlito manifesta sua vontade de voltar para casa e não se adaptar ao sistema como ele mesmo se considera como um “anarquista” que é contra os governos e autoridades, ou seja, quer ter de volta a liberdade que tinha antes de sair de casa. Como seus pais não lhe dão acolhida ao pedido, percebe então que tem que se adaptar à nova vida e aos amigos do Colégio Anchieta.

Mas o menino Carlito pensou: “O que posso fazer para fazer amizade com estes meninos? É impossível viver assim”.

Lembrou-se das rapaduras que havia levado de Itabira e completamente desconhecida dos cariocas e Paulistas.

Pegou uma rapadura partiu os pedaços e ofereceu aos colegas. A princípio acharam estranhos, mas depois gostaram muito da rapadura. Gostaram tanto que às vezes trocavam rapaduras, faziam negócios para conseguir rapaduras e até furtavam rapadura.

Mas um belo dia um colega de Botafogo foi morder a rapadura e quebrou um dente.

Pronto! Falaram: “só podia ser mineiro para fabricar coisa tão dura”.

Esplendor e Declínio da Rapadura

Os meninos cariocas e paulistas
de alta prosopopéia
nunca tinham comido rapadura.
Provam com repugnância
o naco oferecido pelo mineiro.
Pedem mais.
Mais.
Ao acabar, há um pequeno tumulto.

Daí por diante todos encomendam
rapadura.
Fazem-se negócios em torno de rapadura.
Há furtos de rapadura.
Conflitos por causa de rapadura.

Até que o garoto de Botafogo parte um dente
da cristalina coleção que Deus lhe deu
e a rapadura é proscrita
como abominável invenção de mineiros.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída da fonte:
ANDRADE, Carlos Drummond de. A senha do mundo. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 23.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 656.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: Esquecer para lembrar. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017, p. 149.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 138.

A rapadura mostrou-se como uma forma de inserção de Carlito no meio social dos colegas do Colégio. Os outros meninos cariocas, paulistas, capixabas e mineiros e de outras regiões que estudavam na escola no Rio de Janeiro, passaram

a aceitar Carlito e inseri-lo no contexto social. Esse doce mostra a influência da imigração nordestina que trouxe este alimento tão apreciado para a Cidade de Itabira, possivelmente ao vir trabalhar na mineração que acontecia no município.

Segundo Sakai (2018) “a rapadura era o produto sólido originado da raspagem das camadas de açúcar que ficavam grudadas nos tachos de fabricação do produto. A rapadura é fabricada a partir da fervura do caldo de cana, e em seguida, é moldada e seca”. Em outras palavras, é o açúcar mascavo que fica aderido formando uma peça única e muito dura.

A dureza da rapadura ocorre devido às ligações químicas muito fortes entre as moléculas de sacarose na peça que se forma após o resfriamento e essas ligações podem ser quebradas deixando-se a rapadura na água para que esta penetre na peça quebrando tais ligações.

O doce que Carlito levava de Itabira para o Rio de Janeiro era apreciado desconhecido de muitos outros alunos e passa a ser difundido e bem-visto até que um dos meninos quebra o dente ao tentar mastigar a rapadura.

Com a notícia da quebra do dente de um aluno da escola após tentar mastigar a rapadura, todos começam a olhar a rapadura como um mau ou um perigo para os alunos e isso é bem retratado nas linhas do poema quando tanto na parte do esplendor quando do declínio que mostra uma situação real de vida vivida pelo poeta que a partir dessas experiências continua seu desenvolvimento que o levará a ser quem foi e continua sendo nas mentes e corações de muitos brasileiros.

Para muitas pessoas que se identificam com situações vividas pelo poeta, o poema em questão pode ser semelhante a situações que muitas vezes se encaixam na vida das pessoas: afinal, quem não teve algum amor que alcançou o esplendor e

depois passou por uma queda, ou então um trabalho no qual na fase boa obteve sucesso e depois esta fase passou? Essas situações podem se constituir em alguns motivos que podem fazer com que os poemas drummondianos sejam bem aceitos por muitos de seus admiradores e sejam valorizados na sociedade ao invés de serem rejeitados socialmente.

No poema Lição de poupança Drummond conta um pouco de como era administrado o dinheiro dos alunos no Colégio.

Lição de Poupança

Todo aluno tem direito
ao dinheiro do "bolsinho"
para comprar gulodices
e outros gastos fantasistas.

Mas o bolso do uniforme
jamais viu esse dinheiro
fornecido pelos pais.
Fica na tesouraria.

Sexta-feira a gente faz
o pedido por escrito:
"Quero quatro bons-bocados
e um pote de brilhantina."

Domingo no pátio a hora
de entrega das encomendas:
"Não se encontrou bom-bocado,
aqui estão quatro mães-bentas.

Quanto à brilhantina, excede
o limite do bolsinho
e as dimensões da vaidade.
Poupe mais o seu dinheiro."

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 656.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: Esquecer para lembrar. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017, p. 149.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 138.

O Colégio Anchieta onde Carlito estudava era uma escola onde os alunos viviam, moravam e estudavam nela. Era uma escola do tipo internato. Era uma escola particular onde tudo tinha seu preço e as crianças muitas vezes compravam suas guloseimas com o dinheiro de mesada, ou seja, um dinheiro que os pais davam para seus filhos fazerem alguns gastos extras, uma vez que a escola, alimentação e estadia os pais já pagavam para o Colégio.

Enquanto na sua casa, Carlito tinha as guloseimas a vontade, agora, na escola, tinha que comprar e pagar para poder saborear algum doce preferido.

Eram tão regradas as guloseimas que Drummond conta através do poema abaixo:

O Doce

A boca aberta para o doce
já prelibando a gostosura,
e o doce cai no chão de areia, droga!

Olha em redor. Os outros viram.
Logo aquele doce cobiçado
a semana inteira, e pago do seu bolso!
Irá deixá-lo ali, só porque os outros
estão presentes, vigilantes?

A mão se inclina, pega o doce, limpa-o
de toda areia e mácula do chão.
"Se fosse em casa eu não pegava não,
mas aqui no colégio, que mal faz?"

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída da fonte:
ANDRADE, Carlos Drummond de. A senha do mundo. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 30.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 656-657.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: Esquecer para lembrar. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017, p. 150.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 139.

Carlito relata uma situação de alguém que está longe de sua casa e portanto das regras familiares. Neste novo contexto, no qual tem que pagar pelas guloseimas, essas passam a ter que ser "administradas" uma vez que o dinheiro da mesada é limitado e não é possível comer à vontade os doces. Desta forma, no poema, ele fala em limpar o doce que

caiu no chão e dá a entender que após limpá-lo vai comer.

O chão contém muitas bactérias e microrganismos que muitas vezes rastejam e são invisíveis aos olhos humanos por serem muito pequenos. A sabedoria manda jogar fora doces que caíram no chão uma vez que esses podem se contaminar com os microrganismos e bactérias e estes podem vir a causar doenças que geralmente fazem com que as crianças apresentem sintomas de dor de barriga, diarreia e febre.

Naquela, época do início do século XX ainda não se tinha a noção completa da higiene e isso pode ocorrer, mesmo nos dias de hoje, nas regiões mais carentes e com falta de informação e desta forma, pode-se entender o poema com as colocações de um menino que vive uma situação nova e tem que dar respostas diante delas e aos poucos com todas as decisões vai crescendo e aprendendo formando sua personalidade e consciência.

No Colégio Anchieta, todo aluno tinha um número de chamada, o do Carlito era 74. Quando o professor queria chamar o aluno ele chamava pelo número. Quando o aluno desobedecia, ele era punido, um dos castigos era ficar de pé olhando para a parede. Então o professor chamava o aluno que ia ficar de castigo pelo número.

Punição

“74, fique de coluna.”
Lá vou eu, de castigo, contemplar
por meia hora o ermo da parede.

Meia hora de pé, ante o reboco,
na insensibilidade das colunas
de ferro (inaciano?) me resgata.

Eis que eu mesmo converto-me em coluna,
e já não é castigo, é fuga e sonho.
Não me atinge a sentença punitiva.

Se pensam condenar-me, estão ilusos.
A liberdade invade minha estátua
e no recreio ganho o azul distância.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 673-674.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: Esquecer para lembrar. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017, p. 182.

Verifica-se que a educação no início do século XX era muito rigorosa. O professor era uma autoridade dentro e até mesmo fora da sala ele era respeitado e ainda mais em uma sociedade na qual não havia muitas pessoas letradas, o que o professor falava era lei, mesmo que estivesse errado.

Não havia a liberdade dos tempos atuais nos quais temos muita informação por meio da Internet, das Redes Sociais, dos smartphones, dos celulares e dos meios de comunicação em geral dessa forma, como as pessoas tinham pouca informação, não sabiam distinguir entre o que era certo e o errado uma vez que não havia muitos parâmetros de comparação.

Atualmente, os professores já não possuem a mesma autoridade dos tempos passados e torna-se difícil para os professores trabalharem em suas turmas, salas de aula e inclusive com os pais, familiares e a comunidade do entorno das escolas. Torna-se necessário que os professores estejam bem preparados, formados e com saber suficiente para lidar

com pessoas e situações diversas em um ambiente de mudanças sociais e com muita informação que caracteriza os tempo do agora da sociedade.

Ao fazer dois anos de estudo no Colégio Anchieta aconteceu algo inesperado:

Carlito questiona o professor de português durante a sua aula e isso parece muito razoável para alguém que tinha desde pequeno uma boa relação com a leitura e que lia de tudo: revistas, jornais, livros... Naquela época, o professor, considerando-se uma autoridade, não aceitava questionamentos ou críticas e pensava que o que falava era o saber máximo, mesmo não o sendo. O professor se queixou com o diretor, a respeito do questionamento feito pelo jovem Carlos.

No dia da entrega dos boletins já no fim do ano em 1919, o diretor chamou: “número 74, você vai ficar com 4 em português por pena, pois não mereceu nem isto por ter questionado o professor de português”. Ele que só tirava 9 e 10, resolveu escrever ao diretor dizendo que até aquela data todas as sua notas foram por mérito, portanto ele não queria nota por pena e que desse a ele a nota que realmente mereceu.

Carlito então foi expulso do Colégio. E, quando o pai perguntou o motivo da expulsão respondeu: “Insubordinação mental”.

Adeus Colégio

I
Adeus colégio, adeus vida
vivida sob inspeção,
dois anos jogados fora

ou dentro de um caldeirão
em que se fritam destinos
e se derrete a ilusão.
Já preparo minha trouxa.
e durmo na solidão.
Amanhã cedo retiro-me,
pego o trem da Leopoldina,
vou ser de novo mineiro.
Da angústia a lâmina fina
começa a me cutucar.
É uma angústia menina,
ganhará forma de cruz
ou imagem serpentina.
Sei lá se sou inocente
ou sinistro criminoso.
Se rogo perdão a Deus
ou peço abrigo ao Tinhoso.
Que será do meu futuro
se o vejo tão amargoso?
Sou um ser estilhaçado
que faz do medo o seu gozo.

II

Nada mais insuportável do que essa viagem de trem.
Se me atirassem no vagão de gado a caminho do matadouro
talvez eu me soubesse menos infeliz.
Seria o fim, e há no fim uma gota de delicia,
um himalaia de silêncio para sempre.
Não quero ouvir falar de mim.
Não quero eu mesmo estar em mim.
Quero ser o barulho das ferragens me abafando.
quero evaporar-me na fumaça,

quero o não querer, quero o não-quero.
Como custa a chegar o chão de Minas.
Será que se mudou ou se perdeu?
Olho para um lado. Para outro.
O esvoaçar de viuvez
no todo preto da senhora à esquerda,
no preto dos vestidos, das meias e sapatos
de duas mocinhas de olhos baixos,
não tão baixos assim. Essa os levanta
cruza com os meus, detêm-se. O luto evola-se.
É um dealbar no trem tristonho,
sonata em miosótis, aragem na avenca
súbito surginte
em jarra cristalina.
Cuidados meus, desgraças minhas,
eia, fugi para bem longe.
O idílio dos olhos vos expulsa,
como expulso fui eu, ainda há pouco,
...
III
Por que foi que inventaram
a estação de Entre Rios?
E por que se exige aqui baldeação
aos que precisam de Minas?
Já não preciso mais. Vou neste trem
até o infinito dos seus olhos.
Advertem-me glacialmente:
“Tome o trem da Central e vá com Deus”.
Como irei se vou sozinho e sem mim mesmo
se nunca mais, se nunca mais na vida
verei essa menina?
Expulso de sua vista

volto a saber-me expulso do colégio
e o Brasil é dor em mim por toda parte.

Parte da poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída da fonte: ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 681-684.

A educação tem evoluído muito nas últimas décadas. Atualmente muitas escolas querem alunos que sejam autônomos nos estudos, que sejam buscadores do seu conhecimento e da sua formação e isso exige uma certa liberdade na forma de pensar e a necessidade da tomada de decisões que façam com que o aluno se desenvolva.

Frequentemente, quando o aluno é totalmente dependente do professor, ele não tem ideias próprias e sua evolução é limitada uma vez que fica somente dependente do que o professor ensina em sala de aula e não da sua busca pelo saber. Naquela época em que o jovem Carlito estudava na escola carioca, eram outros os valores e era necessária a obediência completa que limitava a capacidade criativa das pessoas.

Carlito se transforma em Carlos na medida em que tem iniciativa, tenta aprender com autonomia e questiona o sistema de modo que seu avanço intelectual torna-se maior que aquele dos alunos que ficam somente dependentes de estudar o que o professor passa como matéria e exige nas avaliações.

A autonomia de Carlito e a tentativa de se desenvolver, o levou a ser expulso da escola pela reclamação do professor de Português e pelo apoio da direção que representavam o sistema da época. O tempo passa, Carlito se torna um dos maiores escritores da literatura brasileira e tudo por que teve

conhecimento, busca autônoma do saber e coragem para questionar o sistema que só evoluiria e teria outras opções muitas décadas e até mesmo mais de um século à frente.

18 Gosto pela leitura

Carlito que aprendia de modo autônomo e crítico, não se cansava de ler, e certo dia pede ao pai que lhe compre uma coleção de livros, a Biblioteca Internacional de 24 volumes. O poema "A Biblioteca Verde" a seguir retrata essa situação vivida pelo poeta.

A Biblioteca Verde

Papai, me compra a Biblioteca Internacional de Obras Célebres.
São só 24 volumes encadernados
em percalina verde.
Meu filho, é livro demais para uma criança.
Compra assim mesmo, pai, eu cresço logo.
Quando crescer eu compro. Agora não.
Papai me compra agora. É em percalina verde,
só 24 volumes. Compra, compra, compra.
Fica quieto, menino, eu vou comprar.

Rio de Janeiro? Aqui é o Coronel.
Me mande urgente sua Biblioteca
bem acondicionada, não quero defeito.
Se vier com arranhão recuso, já sabe:

quero devolução de meu dinheiro.
Está bem, Coronel, ordens são ordens.
Segue a biblioteca pelo trem-de-ferro,
fino caixote de alumínio e pinho.
Termina o ramal, o burro de carga
vai levando tamanho universo.

Chega cheirando a papel novo, mata
de pinheiros toda verde. Sou
o mais rico menino destas redondezas.
(Orgulho, não; inveja de mim mesmo.)
Ninguém mais aqui possui a coleção
das Obras Célebres. Tenho de ler tudo.
Antes de ler, que bom passar a mão
no som da percalina, esse cristal
de fluida transparência: verde, verde.
Amanhã começo a ler. Agora não.

Agora quero ver figuras, todas.
Templo de Tebas. Osíris, Medusa,
Apolo nu, Vênus nua... Nossa
Senhora tem disso nos livros?
Depressa, as letras. Careço ler tudo.

A mãe se queixa: Não dorme este menino.
O irmão reclama: Apaga a luz, cretino!
Espermacete cai na cama, queima
a perna, o sono. Olha que eu tomo e rasgo
essa biblioteca antes que pegue fogo
na casa. Vai dormir, menino, antes que eu perca
a paciência e te dê uma sova. Dorme,
filhinho meu, tão doido, tão fraquinho.

Mas leio, leio. Em filosofias
tropeço e caio, cavalgo de novo
meu verde livro, em cavalarias
me perco, medievo; em contos, poemas
me vejo viver. Como te devoro,
verde pastagem. Ou antes carruagem
de fugir de mim e me trazer de volta
à casa a qualquer hora num fechar
de páginas?

Tudo que sei é ela que me ensina.
O que saberei, o que não saberei
nunca,
está na Biblioteca em verde murmúrio
de flauta-percalina eternamente.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 551-552.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo I. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 169.

O coronel era um homem de posses e tendo condições financeiras, podia adquirir a coleção de livros que era muito cara na época, não era acessível a todas as pessoas e que possuía a melhor informação compilada até aquele momento. Dessa forma, verifica-se que Carlito teve acesso a literatura que enriqueceria muito seu conhecimento. Verifica-se também o questionamento de Carlito quando seu pai alega que "é livro demais para uma criança..." e o menino retruca "Papai me compra agora. É em percalina verde, só 24 volumes. Compra, compra, compra".

Pode-se verificar por meio do poema que o menino tinha objetivos, vontade e persistência, sendo que o pai satisfez a vontade do menino, coisa que a escola na qual Carlito estudou anteriormente, inserida em um sistema hierárquico e com limitações financeiras, não poderia fazer e desta forma, pode-se entender o "outro lado da moeda" em relação à escola que não aceitou ficar com o menino.

Além dessa literatura, o pai de Drummond também assinava uma revista para que Carlito pudesse ler e este tipo de leitura era muito raro na população brasileira, mas se constituiu em um incentivo para que o menino gostasse da leitura e tentasse buscar cada vez mais saber.

O Coronel Carlos de Paula Andrade assinava o Tico-tico para Carlito, que em toda Itabira só ele e Luís Camilo recebiam a revista, e isto enchia Carlito de orgulho, o qual se considerava importante, por receber a revista.

Assinantes

Somos os leitores do Tico-Tico.
Somos importantes, eu e Luís Camilo.
Cada um em sua rua.

Cada um com sua revista.
O que um sabe, o outro sabe.
Ninguém sabe mais do que sabemos.
É nossa propriedade Zé Macaco.
Jagunço vai latindo a nosso lado
e Kaximbown nos leva
convidados especiais ao Polo Norte.
Nossa importância dura até dezembro.
Temos assinaturas anuais.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 550.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo I. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 168.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: Menino antigo. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017, p. 229.

O poema Assinantes, escrito anos depois pelo poeta, relata a importância da leitura e o orgulho que tinha Drummond em relação a ter a revista que certamente era lida e relida formando o letramento necessário para a formação do grande escritor que ia sendo moldada no cotidiano e ao longo dos anos.

As revistas têm a característica de sempre trazer novidades, de modo a atrair seus leitores. Além disso, como elas são periódicas, dá tempo dos leitores “digerirem” o saber de uma edição anterior até que chegue uma nova.

A boa distribuição do saber ao longo do tempo favorece a formação de um bom leitor e, por conseguinte, a possibilidade também de se formar bons escritores, que tenham o domínio do idioma, o raciocínio e a facilidade de expressão para com seus leitores.

19 Amigos de leitura

Depois que Carlito leu todos os livros e revistas que haviam em casa e na Fazenda do Pontal, procurava as pessoas que tivesse um livro ou uma revista, ele logo pedia emprestado, passando por cima da sua timidez.

Uma dessas pessoas era Zoraida Diniz que tinha uma prima chamada Lucilia que morava no Rio de Janeiro. Lucilia comprava as revistas e as mandava para Zoraida. E logo que chegava Carlos ia timidamente pedi-las emprestadas.

Anos mais tarde já consagrado o grande poeta, ele faz o Poema Canção de Itabira o dedica a Zoraida Diniz.

Ninita Castilho que recebia as Revistas Caretas. Logo que chegava o garoto Carlito subia a Rua de Santana e pedia as revistas emprestadas.

Canção de Itabira

A Zoraida Diniz

Mesmo a essa altura do tempo,
um tempo que já se estira,
continua em mim ressoando
uma canção de Itabira.

Ouvi-a na voz materna
que de noite me embalava,
ecoando ainda no sono,
sem que faltasse uma oitava.

No bambuzal bem no extremo
da casa de minha infância
parecia que o som vinha
da mais distante distância.

No sino maior da igreja,
a dez passos do sobrado,
a infiltrada melodia
emoldurava o passado.

Por entre as pedras da Penha,
os lábios das lavadeiras
o mesmo verso entoavam
ao longo da tarde inteira.

Pelos caminhos em torno
da cidade, a qualquer hora,
ciciava cada coqueiro
essa música de outrora.

Subindo ao alto da serra
(serra que hoje é lembrança),
na ventania chegava-me
essa canção de bonança.

Canção que este nome encerra
e em volta do nome gira.

Mesmo o silêncio a repete,
doce canção de Itabira.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 1013-1014.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 1248.

A leitura abre portas e janelas para o mundo, ela desenvolve áreas do cérebro que permitem as pessoas fixarem melhor o entendimento dos conceitos.

Segundo Shitsuka (2011), as palavras são como rótulos dos conceitos. E estes são objetos mentais que se relacionam com outros conceitos associados por meio de ideias, valores, elementos de ligação e que no conjunto vão constituindo o campo conceitual de uma pessoa.

Para Ausubel, Novak e Hanesian (1980) quando estes estudavam a aprendizagem significativa que é aquela que é duradoura e útil na vida das pessoas, quem tem conceitos prévios, ou já existentes em sua mente, pode aprender com mais facilidade as novas informações que recebe e que segundo a teoria da Aprendizagem Significativa, vão participar ativamente na formação de novos conceitos na mente da pessoa, por exemplo, a leitura traz novas informações e se elas puderem se fixar em conceitos já existentes na mente, elas vão desenvolver novos conceitos nesta mente e desta forma a pessoa terá uma quantidade muito maior de conceitos em sua mente e eles se constituirão no saber ou saberes que vão ser úteis em sua vida.

Acreditamos que Carlito a medida que se transforma em Carlos, aumenta enormemente seu saber. Considera-se então

que quem lê mais tem mais conceitos, tem mais palavras para falar, tem mais argumentos, sabe se expressar melhor e pode ser um escritor melhor.

Voltando a questão das revistas que a amiga de Drummond possuía: Ninita Castilho recebia as edições da Revista Caretas. Logo que chegava o garoto Carlito subia a Rua de Santana e pedia as revistas emprestadas. Anos depois visitou Itabira e recordando esta passagem de sua vida escreveu:

Repetição

Volto a subir a Rua de Santana.
De novo peço a Ninita Castilho
a Careta com versos de Bilac.
É toda musgo a tarde itabirana.

Passando pela Ponte, Luís Camilo
(o velho) vejo em seu laboratório-
oficina, de mágico sardônico.
Na Penha, o ribeirão fala tranquilo

que Joana lava roupa desde o Império
e não se alforriou desse regime
por mais que o anil alveje a nossa vida.

Ô de casa!... Que casa? Que menino?
Quando foi, se é que foi - era submersa
que me torna, de velho, pequenino?

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo & a falta que ama. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968. p. 97.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 550.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 249.

Verifica-se que o gosto pela leitura assume uma forma como considera Ausubel, Novak e Hanesian (1980) e quanto mais conceitos possui Carlito, mais ele quer aprender e evoluir e o saber vem até mesmo por meio das revistas emprestadas dos amigos. Mas quem por meio das trocas de revistas e livros ficou muito seu amigo foi Alfredo Duval, mesmo sendo adulto e Drummond uma criança.

Carlito saia de sua casa e vinha à casa de Alfredo Duval na varanda para comentarem os livros e revistas que trocavam. Alfredo Duval era operário, trabalhou na construção dos primeiros chafarizes da cidade e mais tarde passou a fazer imagens de santos e vender em toda região.

Num diálogo com Duval, trazido por meio da memória oral levantada:

Carlito pergunta a Duval: "Você sempre foi Santeiro?"

Duval responde: "Não Carlito, eu já trabalhei de pedreiro, carpinteiro, eu construí os primeiros chafarizes da cidade. Os chafarizes tinham cara de bichos como leões, onças e outros. Lembro-me do chafariz da Aurora, eu o fiz com o corpo de uma mulher nua e a água saia pelos mamilos. Foi um escândalo, as irmãs do Colégio quando passavam perto do chafariz da Aurora mandavam as moças virarem os rostos de lado.

As crianças quando brigavam gritavam: vai mamar na Aurora".

Carlito exclama: "Que legal!"

Duval continua falando: “Sabe aquele globo azul com uma águia em cima fixada no frontispício do teatro? Fui eu que fiz e o colocou lá”.
Carlito pergunta: “E como foi que você começou a fazer santo?”
Duval responde: “Foi assim: O padre Olímpio me falou que não teria a festa de Semana Santa porque, com a reforma da igreja uma parede caiu em cima da imagem do Senhor morto e sem esta imagem era impossível realizar os festejos. Ai então eu pequei um tronco de uma árvore, projetei nele com uma vela a sombra da minha filha Maria Duval e fui esculpindo a imagem até ficar pronto o Senhor morto. Mostrei para o padre, ele gostou muito e houve a festa de Semana Santa.”
Carlito pergunta: “E porque você agora coloca o Eurico Camilo para pousar para você esculpir a imagem de Cristo?”
Duval fala: “É muito mais fácil. Ele tem um rosto comprido e uma barba bonita como penso que era Jesus”.
Carlito continua perguntando a Duval: “Onde você troca, não pode falar vender, não é? suas imagens Duval?”
Duval fala: “Ah, eu troco em toda região. Encho os cargueiros e não volto com nenhum.”
Para finalizar a conversa Carlito pergunta: “Tem revista nova hoje?”
Responde Duval: “Tem sim. Pode pegar e depois a gente comenta Carlito.”

A seguir, apresenta-se o poema “A Afredo Duval” que se constitui em uma homenagem realizada pelo poeta para seu amigo.

A Alfredo Duval

Meu santeiro anarquista na varanda

de casinha do Bongue, maquinando
revoluções ao tempo em que modelas
o Menino Jesus, a Santa Virgem
e burrinhos de todas as lapinhas;
aventureiro em roupa de operário
que me levas à Ponte dos Suspiros
e ao Pátio dos Milagres, no farrancho
de Michel Zevaco, dos Pardaillan,
Buridan, Triboulet (e de Nick Carter),
ouço-te a rouca voz chamar Eurico
de nazarena barba caprichada
e retê-lo a posar horas e horas
para a imagem de Cristo em que se afirme
tua ânsia artesanal de perdurar.
Perdura, no frontispício do Teatro,
a águia que lá fixaste sobre o globo
azul da fama, no total desmaio
do teu, do nosso tempo itabirano?
Quem sabe de teus santos e teus bichos,
de tua capa-e-espada imaginária,
quando vagões e caminhões desterram
mais que nosso minério, nossa alma?
Eu menino, tu homem: uma aliança
faz-se, no tempo, à custa de gravuras
De semanais fascículos românticos...

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:

ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo & a falta que ama. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968. p. 129.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 79.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 614.

Verifica-se por meio do poema que Carlito já estava se transformando em Carlos por meio do convívio com amigos de mais idade e pela assimilação da sabedoria que só vem com o tempo.

Logo no início do poema Drummond cita que Duval era anarquista e possivelmente essa convivência trouxe ao menino os elementos que precisava para desenvolver parte dos seus pensamentos anarquistas uma vez que admirava, respeitava e aprendia com Duval.

Duval também fabricava imagens de santos e desenvolveu sua técnica com sabedoria ao longo do tempo. A paciência, o olhar com detalhes, o retrato da condição humana... era um artista e possivelmente, emprestou para Drummond um pouco deste olhar de artista para outro que se tornaria um artista das letras e que escreveria sucessos como nenhum outro brasileiro havia feito antes em sua dezenas de obras e centenas de poemas e contos.

Outro que passou a emprestar livros ao Carlito foi o delegado da Cidade.

Existia, no município, um delegado que ficava horas demasiada no seu escritório e Carlito descobriu que a maioria do tempo, o delegado passava era lendo, pois tinha fascinação por leitura. Deste dia em diante o delegado passou a emprestar livros para Carlito.

O Doutor Ausente

Nosso delegado
não é de prender.
Prefere, sossegado,
ler.

Clássicos latinos,
velhos portugueses.
A vida ficou sendo
estante.

Entre Virgílio e Fernão Lopes
a garrafa clara
cheia vazia cheia
contém o mundo retificado.

Nosso delegado
nasceu para outros fins
ausentes do viável.
Não escuta o cabo
dizer que na Rua de Baixo
acontece o diabo.

A estante, a garrafa semi-oculta,
a cavalgada dos possíveis impossíveis.
Matou! Roubou! Defloramento...
Deixa pra lá.

Deixa bem pra lá de Ovídio
enquanto a bela (ou bela foi um dia) Elzira
lhe afaga os bigodes desenganados.

O delegado não prende.
O delegado está preso
à estante repetida, à sempre garrafa,
ao colo, à coleira
de Elzirardente consolatória.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 619-620.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 86-87.

Drummond faz uma homenagem, em seu poema de título “O Doutor Ausente”, ao delegado que gostava de ler e que emprestava livros para o poeta.

Verifica-se por meio deste, e dos outros casos relacionados à leitura que tudo levou Carlito amante da leitura se transformar em um Carlos, grande escritor, que possuía o domínio sobre as letras, os verbos, os versos e a escrita.

O poema retrata fatos do seu tempo de menino de como via algumas características que foram eternizadas em suas palavras. Uma fotografia retrata um momento de algo muito maior que é a vida e vida em abundância das pessoas e Drummond consciente deste fato, tenta escrever mais e mais para registrar um tempo que se perdeu em muitas outras regiões do País pela falta de escritores talentosos como foi nosso poeta maior.

20 As histórias

Em cidade do interior, era comum pais contarem histórias para os filhos e depois para os netos, e hoje elas fazem parte do nosso folclore brasileiro. Segundo o website Significados (2018): Folclore é uma palavra de origem inglesa e que significa “sabedoria popular”.

O folclore de um povo inclui as manifestações populares e tradições incluindo: provérbios, lendas, mitos, comida, artes, danças, músicas, costumes que transmitido para as gerações da sociedade. A palavra tem origem no inglês, em que "folklore" significa sabedoria popular (*IBIDEM*).

Carlito gostava muito de ouvir as histórias que seus pais e amigos lhe contavam e retrata esses aspectos do folclore do interior mineiro e, por conseguinte, brasileiro, muitos dos quais ficam perdidos ou limitados a alguns pequenos segmentos da sociedade. Ao eternizar aspectos do folclore, Drummond também preserva aspectos da cultura popular brasileira tão importantes para constituir a identidade nacional. O poema seguinte “Contador” relata um pouco dessas histórias populares.

Contador

As estórias que ele conta aos filhos
Bicho Folhais
Macaco Garcias
Cafas Medonho
e volta a contar aos netos
onça que comeu homem
Pedro Bicudo que engoliu a dentadura
cachorro que carregava defunto
Saci-Pererê do São José do Calçado
peras da miséria
capado de João Carrinho
papagaio de cu cosido
são os fatos positivos
a vida real e quente
que a gente vê apalpa assimila
ante a irrealidade de tudo mais.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 508.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo I. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 110-111.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: Menino antigo. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017, p. 151.

As histórias eram contatas de pai para filho ou de avo para neto formando a memória de transmissão oral que ainda é muito comum nas cidades do interior longínquo ou nas aldeias indígenas.

A forma de preservação da cultura que perdurou durante séculos, infelizmente vai se perdendo nas grandes cidades que

passam a ter outros atrativos como é o caso das mídias, da Televisão, das redes sociais e celulares.

A mídia globalizante muitas vezes traz informações vindas do exterior e que vão tomando espaço diante das mídias nacionais com suas ricas histórias que muitas vezes se perdem.

No caso dos poemas drummondianos, muito dessa história e resgatada e desta forma, há uma cultura que permanece devido à literatura formidável escrita pelo poeta durante anos a fio de trabalho e que lhe renderam a consideração como sento o poeta maior de Itabira e um dos maiores nomes da poesia brasileira e um dos maiores escritores da língua portuguesa.

Outra parte do folclore vem com a bem famosa a Lenda do Cavaleiro apresentada a seguir.

O Cavaleiro

À meia-noite, como de costume,
passa o Cavaleiro
todo de ferro e horror. Passa ou não passa?
Duvido. (E tenho medo.)
Hoje não durmo. Hei de escutar
o som das ferraduras na gelada
Rua Municipal,
o estalar do chicote na garupa
do cavalo-fantasma.
Escuto, protegido
em cobertor de casa-fortaleza
de família importante. Passa, passa,
anda, passa, Cavaleiro, estás com medo

do medo meu, quem sabe, da garrucha
do Coronel?

O Cavaleiro anda atrasado.
Vai esperar o sono me vencer
para aparecer dentro do sono?
Chego à janela. A branca
escuridão (o frio é branco)
não filtra nem um grilo de ruído.
Massa de cidade e serra: breu silente.
Boca seca, trêmulo,
não vejo o Cavaleiro, estou ouvindo
em mim o cavaleiro, em mim é que ele passa,
sempre passou e passa sempre e não acaba
de passar. É isso. Vou dormir.
Dou descanso ao cavalo e ao Cavaleiro.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 546-547.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo I. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 162-163.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: Menino antigo. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017, p. 221.

Muitas das histórias são lendas. E estas são narrativas ou descrições passadas de uma pessoa para outras por meio oral. Elas têm o objetivo de explicar fatos misteriosos ou fantasiosos, misturando-os outros reais formando o imaginário popular.

Entre as lendas contadas oralmente pelos mais velhos, havia a do cavaleiro que ficou eternizada nos versos do poeta. A escrita em esse poder de registrar fatos históricos e lendas

de modo que elas não se percam com o tempo.

Os mitos e lendas são criados na sociedade com alguma finalidade. Essa lenda do Cavaleiro tinha um certo sentido, possivelmente o de fazer com que as pessoas não ficassem andando à noite pelas ruas e a imagem de um “cavaleiro” assombrado poderia assustá-las e desta forma, elas evitariam sair pelas noites.

21 Comemorações da cidade

A religiosidade é presente em muitas cidades do interior brasileiro fazendo parte das tradições e festas locais que vão se perdendo ao longo do tempo e com a evolução da sociedade e dos meios de comunicação globalizantes.

Carlito tem uma missão social: ele preserva uma cultura que estaria fadada a extinção caso não fosse passada para a memória escrita. Seus versos trazem de volta, cenas de um passado que mostram que o interior brasileiro contém muita riqueza cultural e que ajuda enriquecer a humanidade.

Todo mês de maio, dedicado a Nossa Senhora, as crianças vestiam-se de anjos e virgens para coroar Nossa Senhora. Os anjos eram meninas e meninos menores, vestiam-se com túnica branca, asa de pato e coroa brilhante. As virgens vestiam vestido branco com coroa e terço na mão.

Todos cantavam e colocavam algo na mãe de Jesus:
Palma nas mãos, véu e coroa na cabeça. Terminava a coroação as crianças iam para sacristia e recebiam um cartucho de amêndoas (feitas com amendoim) doado pelo anjo que colocou a coroa. Ao padre cabia um cartucho bem maior. O poema “Anjo” relata este aspecto cultural presente há mais de um século atrás na Cidade.

Anjo

Há um momento em que viro anjo.
O par de asas e a túnica branca
operam a metamorfose.
Ser filho do Coronel é garantia
de uma perfeita aeroindumentária.
Sou anjo e desfilo ao longo do tempo
sem imperativo de voar.
Sigo entre anjos e virgens alvas, compenetrado
de minha celeste condição.
Apenas esta tarde. O anjo é breve
e não fala, não conta de onde veio.
Vai lento, musical.
Esta manhã não era anjo: só eu mesmo,
o desatinado, o tonto. Resplandeço
nas ruas principais. O calçamento
ignora a planta leve de meus pés
e machuca.
Entre sinos, à volta.
já desbotando o sol, as asas
pesando na fadiga de ser anjo.
E na porta de Deus a recompensa:
o cartucho de amêndoas.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 561.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo I. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 183.

Quando o poeta cita que “Há momentos em que viro

anjo...” o leitor pode ficar confuso e tirar muitas interpretações possíveis, por exemplo, anjos fazem o bem ou coisas boas e uma interpretação seria que existem momentos em que o poeta faria coisas boas de modo a se sentir um anjo. Porém, há os fatos reais das festas associadas à religiosidade que ocorriam na Cidade de Itaibra-MG e que mostram, como foi mencionado anteriormente, que Drummond teve como se inspirar e mostrar acontecimentos da Cidade da época em que lá viveu.

Verifica-se que a contextualização é importante e ajuda no entendimento do poema de modo semelhante ao que considera Pêcheux (2011) quando este pesquisador estuda a análise do discurso.

As festas populares não eram somente as religiosas. Havia também o Carnaval. As crianças gostavam muito da festa de carnaval, eles formavam bando, era uma alegria só, os pais ajudavam na confecção das fantasias e as crianças participavam. Era uma grande festa em família. O poema “Bando”, apresentado a seguir, fala sobre esta festa popular que é celebrada em muitas cidades brasileiras até mesmo nos dias de hoje.

Bando

Carnaval da gente é o bando.
O bando cigano, vadio, pedinchão.
Fantasia, mãe da gente é quem faz.
Tento modelar a máscara feroz
na prática artesã:
sai porcaria.
Então o pai ajuda nos preparativos.
Vá lá. Cuidado, menino,

não me faça maluquice.
E Vlã, posso comprar?
Olha só que absurdo. Lança-perfume nos olhos
cega por toda vida!
Compro limão-de-cheiro
que é barato e engraçado na pele dos outros,
mas geralmente os outros é que me ensopam.
O bando sai mal preparado como sempre,
não dá aquele prazer imaginado
na hora de formar o bando.
(Um dia alguém me ensinará
que há carnavais subjetivos.
O meu é subjetivo sem saber.)
Somos irreconhecíveis em nossos disfarces
e toda gente nos conhece.
Na noite de terça-feira,
com empadões e pastéis fornecidos pelos familiares,
mastigamos melancólicos a essência do carnaval.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 577-578.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 24.

O Carnaval é uma celebração nacional no país. Ele é celebrado em todo pais e um dos aspectos que o faz prosperar é o apoio da mídia que faz cobertura e divulgação dessa festa popular mostrando cenas dela em diversas partes do pais.

Segundo o website Significados (2018), a palavra Carnaval que tem origem no latim "carna vale" e que significa dizer "adeus à carne". Verifica-se que é uma festa antiga que ocorria na Europa já há séculos atrás e como considera Ibid (2018) ão os três dias de festas que precedem a quarta-feira de cinzas.

Sendo um poeta modernista, em relação aos poetas desta língua de outros períodos como é o caso do trovadorismo, romantismo e, simbolismo, a linguagem de Drummond está mais próxima da língua portuguesa atual e também seus temas se aproximam de situações que ainda ocorrem na sociedade brasileira do cotidiano de hoje o que aponta para o fato deste poeta ser tão popular e celebrado no País. É o Carlito que se transforma em Carlos e traz muitas contribuições para o enriquecimento da cultura e da sociedade brasileira.

22 Costume da época

Drummond se lembra como era o interior e a Cidade de Itabira do início do século XX, que é uma situação que já não ocorre nos tempos atuais nos quais há muitos hospitais e clínicas nesse Município.

Em muitas outras regiões do interior brasileiro, mesmo em tempos recentes, havia muitos casos de falta de médicos de modo que como considera Brasil (2018) no programa Mais Médicos houve até mesmo a importação para o Brasil, de médicos de outros países, para trabalhar nos interiores e localidades nas quais havia falta desses profissionais.

Voltando à Itabira do início do século XX: era uma época que não tinha hospital e nem médicos na cidade. As crianças nasciam em casa e com parteiras.

Quando a mãe entrava em trabalho de parto logo colocavam as crianças para dormir nos quartos mais distantes e chamavam a parteira (mulher que geralmente eram mais velhas e com mais experiências) para fazer o parto. Na maioria das vezes era no final da tarde. Quando amanhecia a mãe já estava com o filho nos braços. O poema “chegada” relata a situação descrita.

Chegada

Por que nos despejam
de nossos quartos milenários?
nos mandam passar a noite
sobre colchões de emergência, no chão,
na outra ala da casa, tão distante
de nossos cômodos,
de nossa intimidade com a cama, a cadeira, o penico,
de nosso trato com a bacia e o jarro de cada manhã,
de nossa muda convivência
com as sombras na parede, os sussurros
que vêm da rua, a voz sacramental
do relógio da matriz – é tarde –
batendo nove horas?

Ora, deixa estar que é bom.
Quem vai dormir em noite assim diversa?
Vai é jogar travesseiros um no outro,
criar fantasmas de lençol,
dizer besteiras, contar porcaria
sem perigo de ninguém mais ouvir.

Mas por que, me diz, esse bulício lá dentro,
esse ir-e-vir de passos abotinados,
esse outro pisar mais leve, mais seguro,
de mulher
(só pode ser da velha que não conhecemos
e que no lusco-fusco entrou em casa)?
Alguém geme, talvez. Alguém
agora está gemendo alto,
está gritando, abala o mundo? Horror

na treva sem explicação.
É ouvir e calar
nossa experiência de pavor.
Deve tudo estar certo, combinado
pelo poder dos grandes, enigmático.
Travesseiros, de cansaço, já não pulam
no escuro.
Gritos sem sentido já se apagam
na areia do cochilo
cochilante

De manhã cedo, o sol em canto alegre:
"Esta noite
chegou mais uma irmãzinha pra vocês."

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 498-499.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: Menino antigo. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017, p. 131-132.

O poema chegada, relata o nascimento de uma criança na Cidade de Itabira do início do século XX e, por que não, em tantas cidades do interior brasileiro desassistido por hospitais e médicos.

Carlos é acima de tudo um poeta social, que vive em sociedade e relata as situações e fatos observados no cotidiano e que ficaram gravados em sua mente desde a época em que era Carlito até ir se transformando no poeta maior de Itabira e em um dos maiores nomes da literatura brasileira.

O poeta se preocupava com a vida das pessoas, e como não era político, usava seus poemas, contos, crônicas e suas

literaturas para descrever as situações observadas e sua preocupação social.

23 Mudança para a capital

O jovem Carlos, que foi estudar no Rio de Janeiro, volta para Minas Gerais.

Em 1920, o poeta que nasceu em 1902, já estava com seus 18 anos de idade e, neste ano Carlos teve uma grande decepção: seu pai vendera 4 das suas seis fazendas. Além disso, doa duas aos seis filhos. Transfere-se para Belo Horizonte e vende a casa cheia de sonhos do menino Carlos de porteira fechada (como dizia na época, com tudo dentro).

Liquidação

Casa foi vendida com todas as lembranças
Todos os móveis todos os pesadelos
todos os pecados cometidos ou em via de cometer
a casa foi vendida com seu bater de portas
com seu vento encanado sua vista do mundo
seus imponderáveis
por vinte, vinte contos.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 503.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo I. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 101.

Carlos de Paula, o Coronel, por motivos de saúde, muda-

se para a Cidade de Belo Horizonte. A casa onde o poeta morou e viveu suas histórias da infância em Itabira, foi vendida com tudo que havia no seu interior: "venda de porteira fechada". Carlos Drummond de Andrade, o poeta, sente então, que foram vendidos todos seus sonhos por vinte contos de reis, que considerou como sendo "uma liquidação de lembranças".

E quando vai morar em Belo Horizonte, Carlos não a considera sua casa, uma vez que nela não existia a raiz, nem as lembranças... este fato é relatado por meio do poema "A casa sem raiz" que é apresentado nas linhas seguintes.

A casa sem Raiz

A casa não é mais de guarda-mor ou coronel.
Não é mais o Sobrado. E já não é azul.
É uma casa, entre outras. O diminuto alpendre
onde oleoso pintor pintou o pescador
pescando peixes improváveis. A casa tem degraus de mármore
mas lhe falta aquele som dos tabuões pisados de botas,
que repercute no Pará. Os tambores do clã.
A casa é em outra cidade,
em diverso planeta onde somos, o quê? Numerais moradores.

Tem todo o conforto, sim. Não o altivo desconforto
do banho de bacia e da latrina de madeira.
Aqui ninguém bate palmas. Toca-se campainha.
As mãos batiam palmas diferentes.
A batida era alegre ou dramática ou suplicante ou serena.
A campainha emite um timbre sem história.
A casa não é mais a casa itabirana.

Tenho que me adaptar? Tenho que viver a casa
ao jeito da outra casa, a que era eterna.
Mobiliá-la de lembranças, de cheiros, de sabores,
de esconderijos, de pecados, de signos,
só de mim sabidos. E de José, de mais ninguém

Transporto para o quarto badulaques-diamante
de um século. Transporto umidade, calor,
margaridas esmaltadas fervendo
no bule. E mais sustos, pavores maldições
que habitavam certos cômodos – era tudo sagrado.
.
Aqui ninguém morreu, é amplamente
o vazio biográfico. Nem veio de noite a parteira
(vinha sempre de noite, à hora de nascer)
enquanto a gente era levada para cômodos distantes,
e tanta distância havia dentro, infinito, da casa,
que ninguém escutava gemido ou choro de alumbramento,
e de manhã o sol era menino novo.

Faltam os quadros dos quatro (eram quatro continentes:
América Europa Ásia África) mulheres
voluptuosamente reclinadas
em coxins de pressentidas safadezas.
A fabulosa copa onde ânforas
dormiam desde a festa de 1898
guardando seus tinidos subentendidos,
guardando a própria cor enclausurada.
o forno abobadal, o picumã
rendilhando barrotes na cozinha.
E o que era sigilo nos armários.

E o que era romance no sigilo.
Falta...
Falto, menino eu, peça da casa.

Tão estranho crescer, adolescer
Com alma antiga, carregar as coisas
que não se deixam carregar.
A indelével casa me habitando, impondo
sua lei de defesa contra o tempo.
Sou o corredor, sou o telhado
sobre a estrebaria sem cavalos mas nitrindo
à espera de embornal. Casa-cavalo,
casa de fazenda na cidade,
o pasto, ao Norte; ao Sul, quarto de arreios,
e nesse mar de café rolando em grão
na palma de sua mão – o pai é a casa,
e a casa não é mais, nem sou a casa térrea,
terrestre, contingente,
suposta habitação de um eu moderno.
Rua Silva Jardim, ou silvo em mim?

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 685-686.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 179-181.

O poema fica clarificado por meio do entendimento do tempo: ele foi escrito considerando o ano de 1923. Neste ano, Carlos estava com 21 anos de idade e morava na Cidade de Belo Horizonte em Minas Gerais. Neste ano, presta vestibular matricula-se no Curso de Farmácia na Escola de Odontologia e

Farmácia em Belo Horizonte.
Em 1925, aos 23 anos, Carlos se casa com Dolores. Esta era uma mulher moderna pela época, era datilógrafa e trabalhava numa fábrica como Contadora. Drummond retrata a vida em Belo Horizonte (BH), com sua esposa Dolores, no poema "Anoitecer".

Anoitecer

A Dolores

É a hora em que o sino toca,
mas aqui não há sinos;
há somente buzinas,
sirenes roucas, apitos
aflitos, pungentes, trágicos,
uivando escuro segredo;
desta hora tenho medo.

É a hora em que o pássaro volta,
mas de há muito não há pássaros;
só multidões compactas
escorrendo exaustas
como espesso óleo
que impregna o lajedo;
desta hora tenho medo.

É hora do descanso,
mas o descanso vem tarde,
o corpo não pede sono,
depois de tanto rodar;
pede paz – morte – mergulho
no poço mais ermo e quedo;
desta hora tenho medo.

Hora de delicadeza,
gasalho, sombra, silêncio.
Haverá disso no mundo?
É antes a hora dos corvos,
bicando em mim, meu passado,
meu futuro, meu degredo;
desta hora, sim, tenho medo.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 100.
ANDRADE, Carlos Drummond de. A rosa do povo. 38.ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 33-34.

Verifica-se por meio do poema, que Carlos, que nasceu e cresceu em uma cidade interiorana tranquila. Agora estava em uma situação nova, com a esposa, morando em uma cidade nova na qual havia muito mais pessoas e a agitação do dia e

somente à noite, havia mais tranquilidade e paz que lembrava sua cidade natal.

Em 1923, segundo o website Bairros de Belo Horizonte (2018) “BH ganha a primeira linha de auto-ônibus, para suprir a carência do atendimento de bondes, que percorria poucos bairros”. A cidade estava crescendo e os meios de transporte coletivo já circulavam durante o dia.

Segundo Calvo (2013) vir para a capital mineira significava, nas primeiras décadas do século XX, a possibilidade de começar a vida numa cidade nova, e com muitas oportunidades. Esse era o ambiente que tanto o Coronel, pai do poeta, como também o filho, Carlos enxergavam.

A professora e pesquisadora (Ibid) também considera que viver em BH na época “Significava adotar o estilo de vida metropolitano, com seus confortos, mas com padrões de consumo e organização que impunham modos de ser e viver próprios de Belo Horizonte”. E assim, Carlos tinha a possibilidade de prosseguir nos estudos em nível superior e, ele se forma em Farmácia, na Faculdade.

Final de História

O quadro de formatura
foi pintado por Borsetti.
Borsetti, falsário exímio,
condenado por malfeitos,
aceita e avia encomendas
de todos os diplomandos
de academias mineiras.
Pintadas por trás de grades,
alegorias libertam-se,

vai Têmis e vai Hipócrates,
vão Mercúrio e saduceu
e vão sentenças latinas
cantando por toda parte
arte e engenho refinados
de montanhesa sapiência.
Meu Deus, formei-me deveras?
Sou eu, de beca alugada,
uma beca só de frente,
para uso fotográfico,
sou eu, ao lado de mestres
Ladeira, Laje, Roberto,
e do ínclito diretor
doutor Washington Pires?
Eu e meus nove colegas
mais essas três coleguinhas,
é tudo verdade?Vou
manipular as poções
que cortam a dor do próximo
e salvam os brasileiros
do canguari e do gálico?
Não posso crer. Interrogo
o medalhão do Amorim:
Companheiro, tu me salvas
do embrulho em que me meti?
Dou-te plenários poderes:
em tuas farmácias Luz
ou Santa Cecília ou Claudia,
faze tudo que eu devia
fazer e que não farei
por sabida incompetência:
purgas, cápsulas, xaropes,

linimentos e pomadas,
aplica, meu caro, aplica
trezentas mil injeções,
atende, ajuda, consola,
sê enfermeiro, sê médico,
sê padre na hora trevosa
da morte do pobre (a roça
exige de ti bem mais
que o nosso curso te ensina).
Vai, Amorim, sê por mim
o que jurei e não cumpro.
Fico apenas na moldura
do quadro de formatura.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes:

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 733.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 242-243.

No poema "Final de História", o poeta relata o fato, que ocorre com muitas pessoas neste país, que é a ideia e necessidade de estudar em um curso superior. Para isso, muitas vezes, saem de suas cidades interioranas nas quais não há faculdades e vão para as cidades maiores nas quais encontram estas instituições de ensino.

Ocorre que nem sempre se encontram, nas cidades, os cursos que as pessoas gostariam de cursar ou estudar, e muitas vezes, torna-se necessário estudar no curso que existe ou no qual é possível se matricular, muitas vezes sem saber do que se trata o curso, que disciplinas possui, que conhecimentos são necessários e enfim, sem saber do que se trata o curso.

Tudo leva crer que Drummond não se identificou com o curso, mas que estudou nele até concluir com êxito. Conforme relata o poema, na formatura o poeta afirma "Sou eu de beca na frente para o uso fotográfico... o que jurei e não cumpro. Fico apenas na moldura do quadro de formatura".

A beca é a roupa escura com chapéu que é utilizada no dia da cerimônia de formatura pelos formandos de algum curso superior. Para o Priberam (2018) a beca é "traje preto e comprido, usado por magistrados em tribunal, por professores catedráticos em ocasiões solenes e por alguns estudantes, seminaristas ou membros de confrarias em ocasiões especiais".

Normalmente, os formandos dos cursos superiores tiram fotos com essas roupas de formatura com toda turma junto para guardar como lembrança da turma. E de fato, Drummond não exerce a profissão estudada.

A formatura em um curso superior, no entanto, é somente parte da vida. Como considera Dewey (1978), a educação não é o preparo para vida mas é a própria vida.

Sendo muito maior e abrangente, ela poderá ajudar o estudante, ou mesmo o formado, por outros caminhos e outros aprendizados, sendo que o que se aprendeu anteriormente, como considera Ausubel, Novak e Hanesian (1980), na sua teoria da Aprendizagem Significativa, ajudará de alguma forma a aumentar a quantidade de conceitos possuídos pela pessoa o que poderá facilitar que aconteçam novos aprendizados posteriores.

24 Retorno à terra natal

Mas o formando Carlos sente que não tem aptidão para exercer a profissão de Farmacêutico, transfere-se com Dolores para Itabira. Em 1926, quando está com 24 anos de idade.

Em Itabira percebe que também não tem aptidão para fazendeiro.

Seu irmão Altivo, advogado e professor do Colégio Sul Americano, arranja para Carlos Drummond lecionar Geografia e Português no mesmo Colégio. Nesta época, o Colégio Nossa Senhora das Dores de alunas internas e semi-internas estava passando por dificuldades, então Carlos Drummond oferece e leciona História gratuitamente.

Em julho de 1926 Dolores fica grávida ainda morando em Itabira. Por iniciativa de Alberto Campos, volta para Belo Horizonte como redator e depois redator-chefe do Diário de Minas. Como Carlos gostava muito de ler, o trabalho, na redação de jornal, estava mais próximo da realidade que gostava, junto às letras, palavra, contos e literatura.

Em março de 1927 Carlos Drummond vem com Dolores passear em Itabira. Dolores sente as primeiras contrações. Em Itabira não tem condições para fazer o parto. É necessário leva-la para Belo Horizonte.

O José irmão de Carlos Drummond contrata 8 homens para carregar Dolores em padiola até Santa Bárbara e Carlos vai seguindo a cavalo. Em Santa Bárbara pegam o trem até a

BH. Chegando a BH nasce um menino: Carlos Flávio, que viveu apenas meia hora.

Em 4 de março de 1928, Carlos está com 26 anos de idade e nesta época, nasce à filha Maria Julieta, que chegou com a sensibilidade que a fez crescer e se tornar uma grande escritora.

Em 1930 Drummond, com 28 anos de idade, publica Alguma poesia (500 exemplares) pago com seu próprio salário, descontado mensalmente. E a partir dai é de Itabira para o mundo e para sempre Carlos Drummond de Andrade com centenas de poemas, contos e muita literatura.

Referências Bibliográficas

[1] A VOZ DA SERRA. **Enem:** no ranking do estado, Nova Friburgo tem cinco escolas entre as melhores. Publicado no web site A voz da serra em quinta-feira, 06 agosto de 2015. Disponível em: <https://avozdaserra.com.br/noticias/enem-no-ranking-do-estado-nova-friburgo-tem-cinco-escolas-entre-melhores>. Acesso em: 19 ago. 2018.

[2] ALVARENGA, Rosemyre Penido. **Morro escuro**. Itabira: Prefeitura Municipal de Itabira.

[3] ALVARENGA, Rosemyre Penido. **Uma canção de Itabira**. Itabira: Prefeitura Municipal de Itabira.

[4] ALVIM, Clovis. **Escritos bissextos**. 1930.

[5] ANDRADE, Carlos Drummond de. **A senha do mundo.** 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. 47p.

[6] ANDRADE, Carlos Drummond de. **Amar se aprende amando**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 1985.

[7] ANDRADE, Carlos Drummond de. **Amor natural**. Rio de Janeiro: Record, 1989.

[8] ANDRADE, Carlos Drummond de. ***Antologia poética***. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

[9] ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 271p.

[10] ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001. 348p.

[11] ANDRADE, Carlos Drummond de. **Auto-retrato e outras crônicas**. Rio de Janeiro: Record, 1989.

[12] ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo & a falta que ama.** Rio de Janeiro: Sabiá, 1968. 189p.

[13] ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo I**. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 205p.

[14] ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo II.** 5.ed. Rio de Janeiro:

Record, 2001. 248p.

[15] ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo:** menino antigo**.** 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. 366p.

[16] ANDRADE, Carlos Drummond de. ***Corpo*.** Rio de Janeiro: Record, 1996.

[17] ANDRADE, Carlos Drummond de. **Fala, amendoeira**. 9.ed. Rio de Janeiro: Record, 1985.

[18] ANDRADE, Carlos Drummond de. **Farewell.** 6.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. 141p.

[19] ANDRADE, Carlos Drummond de. **José:** novos poemas – fazendeiro do ar**.** Rio de Janeiro: Record, 1993. 111p.

[20] ANDRADE, Carlos Drummond de. **Nova reunião:** 19 livros de poesia**.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1983. 2v.

[21] ANDRADE, Carlos Drummond de. ***O sorvete e outras histórias***. São Paulo: Ática, 1993.

[22] ANDRADE, Carlos Drummond de. **Os dias lindos***: crônicas*. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.

[23] ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001. 2v.

[24] ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia e prosa.** Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992. 2019p.

[25] ANDRADE, Carlos Drummond de. **Seleta em prosa e verso**. 10.ed. Rio de Janeiro: Record, 1990. 239p.

[26] ANDRADE, Maria Rosa Martins da Costa. **Um sobrado na história de Itabira.** Itabira: Prefeitura Municipal de Itabira, s.d.

[27] ARAÚJO, Danuse da Porciúncula. **A criança imigrante e a escola: adaptação social e curricular**. In: *IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE e IV Seminário Internacional de Profissionalização Docente – SIPD*. 2016. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26852_14063.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2018.

[28] AUSUBEL, David Paul; NOVAK, Joseph Donald; HANESIAN, Helen.

Psicologia educacional. Rio de Janeiro: Interamerica, 1980.

[29] BAEZ, Fabián. **Você tem dúvidas sobre a Confissão?** O Papa Francisco responde Publicado no website Aletéia. Disponível em: https://pt.aleteia.org/2017/02/21/voce-tem-duvidas-sobre-a-confissao-o-papa-francisco-responde/. Acesso em: 19 ago. 2018.

[30] Bairros de Belo Horizonte. **A história...** Website Bairros de Belo Horizonte 2018. Disponível em: < https://bairrosdebelohorizonte.webnode.com.br/news/a-historia-/>. Acesso em: 14 set. 2018.

[31] BARBOSA, Rita de Cássia (org). **Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Ática, 1987. (col. Literatura Comentada).

[32] BARBOZA, A. L. A. et al. Mães de Sonhos: uma proposta de reflexão e intervenção nas relações familiares. **Saúde e Sociedade**, v.18, supl.1, p. 57-62. 2009. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v18s1/10.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

[33] BARROS, Altamir José de (org). **No tempo do Mato Dentro**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, s.d.

[34] BAUMAN, Zigmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zaha, 2007.

[35] BRASIL. **Constituição Federal da Republica do Brasil**. 1996. Disponível em: <>. Acesso em: 20 jun. 2018.

[36] BRASIL. **Emenda Constitucional n. 53 de dezembro de 2006** limita a faixa etária da Educação Infantil aos cinco anos de idade.

[37] **BRASIL**. Emenda constitucional n. 56 de 19 de dezembro de 2006. Dá nova redação aos arts. 7º, 23, 30, 206, 208, 211 e 212 da Constituição Federal e ao art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

[38] BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis. 26. Ed. / Thomas Bulfinch ; tradução de David Jardim Júnior — 26. ed. — Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://filosofianreapucarana.pbworks.com/f/O+LIVRO+DE+OURO+DA+MITOLOGIA.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2018.

[39] CALVO, Júlia. Belo Horizonte das primeiras décadas do século XX: entre a cidade da imaginação à cidade das múltiplas realidades. **Cadernos**

de História, Belo Horizonte, v. 14, n. 21, 2º sem. 2013.

[40] CANSADO, José Maria. **Os sapatos de Orfeu**. São Paulo: Spicione, 1993. (Col. Margens do Texto)

[41] CHAVES, Rita. **Carlos Drummond de Andrade.** São Paulo: Scipione, 1993. (Col. Margens de texto).

[42] CNSD. **História.** Publicado no website do Colégio Nossa Senhora das Dores de Itabira – CNSD/Itabira em 2018. Disponível no website: <http://www.cnsditabira.com.br/nossa-escola/historia/>. Acesso em: 19 ago. 2018.

[43] CRUZ TERRA SANTA. **Santos e ícones católicos**. Publicado no Website Terra Santa 2018. Disponível em: <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-barbara/64/102/#c>. Acesso em: 19 ago. 2018.

[44] CRUZ, Samantha Guiçardi da; OLIVEIRA, Tatiane Aparecida; FANTACINI, Renata Andrea Fernandes. A indissociabilidade do brincar, cuidar e educar na Educação Infantil. **Research, Society and Development**, v. 4, n. 4, p. 227-238, abr. 2017. Disponível em: <https://rsd.unifei.edu.br/index.php/rsd/article/view/92/79>. Acesso em: 17 ago. 2018.

[45] DEWEY, John. Vida e educação. 10 ed. São Paulo: Edições Melhoramento, 1978.

[46] Dicionário de Sinônimos. **Sinônimo de prelibando**. Dicionário de Sinônimos Online. Disponível em: <https://www.sinonimos.com.br/prelibando/>. Acesso em: 18 ago. 2018.

[47] Dicionário Informal. **Antologia.** Dicionário gratuito para Internet. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/antologia/>. Acesso em: 18 ago. 2018.

a. DRUMMOND, Maria Julieta. **Conversa de Drummond com Sá Maria**. s.n.t.

[48] FIGUEIREDO, Guilherme. Drummond. ***Revista de Teatro***, jul-set. 1987. (Transcrito de O Globo de 27/08/87).

[49] GASQUES, Jerônimo. **São Jorge, o santo guerreiro**: história e devoção de um santo muito amado / Jerônimo Gasques. – São Paulo: Paulus,

2016. Disponível em: <http://www.paulus.com.br/loja/appendix/4164.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2018.

[50] GIACCHETTA, Amanda Madureira. **VOGUE:** a França é chique! Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF. 2012. Disponível em: <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/05/Vogue-a-Fran%C3%A7a-%C3%A9-chique.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2018.

[51] ICM. *Museum definition*. International Council of Museuns. Disponível em: http://icom.museum/the-vision/museum-definition/>. Acesso em: 03 dez. 2017.

[52] INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Disponivel em: http://www.museus.gov.br/os-museus/. Acesso em: 04 dez. 2017.

[53] INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da leitura no Brasil – 2016. 4.ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2016.

[54] INVENTÁRIO de Bens imóveis. Itabira.

[55] ITABIRA. *Cartilha do Cidadão*. Prefeitura Municipal de Itabira, 1996. (Edição96/97)

[56] JESUÍTASBRASIL.COM. **Colégio Anchieta, de Nova Friburgo, celebra 130 anos**. Publicado no website JesuitasBrasil.com em 19 de abril de 2016. Disponível em: <http://www.jesuitasbrasil.com/newportal/2016/04/19/colegio-anchieta-de-nova-friburgo-celebra-130-anos/>. Acesso em: 19 ago. 2018.

[57] JODALET, Denise. **Representações sociais**. São Paulo: Cortez,

[58] LACERDA, Maria das Graças Lage. **Caminhos drummondianos**. Trabalho de Pesquisa: Maria das Graças Lage Lacerda Registrada na Biblioteca Pública Nacional – Ministério da Cultura, sob o n. 230.636, Livro 406, Folha 296, em 21 de maio de 2001.

[59] LODY, Maria Inez. *O almanaque do Batistinha*. Itabira: Prefeitura Municipal de Itabira. **Revista Histórias de Minas**, ano 1930.

[60] McLUHAN, Herbert Marshall. **O meio é a mensagem e a mensagem é o meio**. Rio de Janeiro: Globo...

[61] MELQUIOR, José Guilherme. **Verso universo em Drummond**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1972 (Coleção documento Brasileiros, v. 157)

[62] MINAS GERAIS. **Trinta dias sem Drummond**. Belo Horizonte, 19 set. 1987. (Coleção Documento Brasileiros, v. 169)

[63] MORAES, Emanuel de. **Drummond rima Itabira mundo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972 (Coleção Documentos Brasileiros, v. 157)

[64] MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**. São Paulo: Cortez, 1997.

[65] O COMETA Itabirano. Periódico itabirano. Itabira, mar. 1986.

[66] OLIVEIRA, Carlos Augusto de. A musealização do território como estratégia de gestão do patrimônio e administração da memória. **Revista Memorare**, v.2, n.2, p.34-51, jan., 2015.

[67] OLIVEIRA, Cecília Maria Viana Camilo. **Desenvolvimento e dependência**. Edição Comemorativa dos 10 anos da FCCDA. 1992. Itabira/MG.

[68] Origem do sobrenomes. **Família Drummond**. Publicado no website Origem do sobrenome 2018. Disponível em: <https://www.origemdosobrenome.com.br/familia-drummond/>. Acesso em: 13 set. 2018.

[69] PECHEUX, Michel. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Cortez, 2008.

[70] PÊCHEUX, Michel. **Análise do discurso**. Campinas: Pontes, 2011.

[71] PIRES, Clarice; MIRANDA, Rosangela; MELO, Tiago Aparecido de. **Analfabetismo funcional X Alfabetização**. Faculdade La Salle. Mostra de Iniciação Cientifica 2016. ISSN: 2447-8873. Disponível em: <http://lasalle.edu.br/faculdade/public/media/11/files/ANALFABETISMO%20FUNCIONAL%20X%20ALFABETIZA%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2018.

[72] PIRES, Flávia. Torando-se adulto: uma abordagem antropológica sobre crianças e religião. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 143-164, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rs/v30n1/a08v30n1 >. Acesso em: 19 ago. 2018.

[73] Priberam. **Beca.** in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em

linha], 2008-2013. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/beca>. Acesso em: 14 set. 2018.

[74] QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; MACIEL, Diva Albuquerque; BRANCO, Angela Uchôa. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. **Paidéia**, v. 16, n. 34, p. 169-179, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ paideia/v16n34 /v16n34a05.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2018.

[75] REVISTA em Foco – Estrada Real, ano 9, Edição Record, Edição. 83, maio; junho, 2012.

[76] SAKAI, Rogério Haruo. **Rapadura**. Publicado no website da Agencia Embrapa de InformaçãoTecnológica (AGEITEC) em 2018. Disponível em: <http://www.agencia.cnptia. embrapa.br/gestor/cana-de-acucar/arvore/CONT000fjighhp 202wyiv80sq98yqyvgmia8. html>. Acesso em: 13 de set. 2018.

[77] SHITSUKA, R. et al. Praticas culturais associadas à festa religiosa de Corpus Christi em uma cidade do interior espírito-santense, no Brasil. **Ensaios & Diálogos**, Rio Claro, v. 10, n. 1, p. 177-195, jan./dez. 2017. Disponível em: <https://claretiano.edu.br/ revista/157/ ensaios- e-dialogos >. Acesso em: 19 ago. 2018.

[78] SHITSUKA, Ricardo. **Proposta de reestruturação de matrizes curriculares por meio de cobertura de conceitos**. Tese (doutorado) Universidade Cruzeiro do Sul. São Paulo, 2011.

[79] Significados. **O que é carnaval**. Publicado no website Significados 2018. Disponível em: <https://www.significados.com.br/carnaval/>. Acesso em: 14 set. 2018.

[80] SIGNIFICADOS. **Significado de anarquismo**. Website dos significados publicado em 2018. Disponível em: <https://www.significados.com.br/anarquismo/>. Acesso em: 13 set. 2018.

[81] SIGNIFICADOS. **Significado de folclore.** Website Significados 2018. Disponível em: <https://www.significados.com.br/folclore/>. Acesso em: 14 set. 2018.

[82] TELLES, Gilberto Mendonça. **Drummond:** a estilística da repetição. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olimpio, 1978.

[83] VELASCO, Clara. **Saneamento avança, mas Brasil ainda joga 55% do esgoto que coleta na natureza, diz estudo**. Publicado no website Globo.com G1 – Economia em 18 abr. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/saneamento-avanca-mas-brasil-ainda-joga-55-do-esgoto-que-coleta-na-natureza-diz-estudo.ghtml>. Acesso em: 18 ago. 2018.

[84] VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins, 2013.

[85] WINTER, Paula. **Corredor cultural – zoom TV jornal.** Publicado em 12 de abr de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lXoaXEokzj0&feature=youtu.be>. Acesso em: 19 ago. 2018.

[86] WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Autêntica, 2010.

Memória Oral

Trabalho de Pesquisa: Maria das Graças Lage Lacerda Registrada na Biblioteca Pública Nacional – Ministério da Cultura, sob o n. 230.636, Livro 406, Folha 296, em 21 de maio de 2001.